MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL SUSTENTÁVEL

DI VLÁDIA DE MELO FEITOSA ARAUJO

CARTOGRAFANDO EFEITOS QUE EMERGEM DOS ENCONTROS ENTRE CORPOS EM UMA BRINQUEDOTECA DE CRATO-CE

JUAZEIRO DO NORTE-CE

2017

DI VLÁDIA DE MELO FEITOSA ARAUJO

CARTOGRAFANDO EFEITOS QUE EMERGEM DOS ENCONTROS ENTRE CORPOS EM UMA BRINQUEDOTECA DE CRATO-CE

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional Sustentável da Universidade Federal do Cariri, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional Sustentável.

Área de concentração: Desenvolvimento Regional Sustentável.

Orientadora: Profa. Dra. Francisca Laudeci Martins Souza.

JUAZEIRO DO NORTE-CE

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Cariri
Sistema de Bibliotecas

A663c Araújo, Di Vládia de Melo Feitosa.
Cartografando efeitos que emergem dos encontros entre corpos em uma brinquedoteca de Crato-CE/ Di Vládia de Melo Feitosa Araújo. – 2017.
90 f.: il.; color.; enc. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Cariri, Centro de Ciências Agrárias e Biodiversidade, Mestrado em Desenvolvimento Regional Sustentável, Juazeiro do Norte, 2017.
Orientação: Profª. Dra. Francisca Laudeci Martins Souza.

1. Cartografia. 2. Afeto. 3. Potência de agir e de pensar. 4. Produção de subjetividades.
5. Brinquedoteca. I. Título.

CDD 155.4120981

DI VLÁDIA DE MELO FEITOSA ARAUJO

CARTOGRAFANDO EFEITOS QUE EMERGEM DOS ENCONTROS ENTRE CORPOS EM UMA BRINQUEDOTECA DE CRATO-CE

Dissertação apresentada, julgada e aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional Sustentável, outorgado pela Universidade Federal do Cariri.

Área de Concentração: Desenvolvimento Regional Sustentável

Linha de Pesquisa: Sociedade, Estado e Desenvolvimento Regional Sustentável

Data de Aprovação: 18 / 04/2017

Banca Examinadora:

Francisca Laudeci Martins Souza

(Francisca Laudeci Martins Souza/URCA e UFCA)

(Luiz Manoel Lopes/UFCA)

(Sônia Maria Clareto/UFJF)

AGRADECIMENTOS

Àqueles que direta ou indiretamente participaram dos inúmeros acontecimentos e agenciamentos que me conduziram até aqui, dentre eles:

Aos amados José Carlos e Tobias, companheiros na construção da vida.

Aos meus pais, Hermano e Gorette, pela dedicação e apoio em toda uma trajetória de vida.

À meu irmão Yure, pelas discussões em torno da filosofia da diferença e por tantos outros imensuráveis sufrágios.

Às crianças da comunidade do Gesso de Crato-CE, que nos mostram a suavidade de um modo de percorrer as linhas da vida.

À Laudeci, por seu aporte nesse processo cuja natureza transversal nos levou além da relação de orientação para escrita de uma dissertação.

Aos professores Luiz Manoel e Sônia Clareto, por suas apreciações, sorrisos, tempo ofertados e pensamentos que desencadearam em nós, na elaboração desta pesquisa.

Aos amigos e amigas que tornaram a caminhada mais leve, dentre eles Adelia, Altamira, Antonia Veloso, Cícero, Nághela.

Aos integrantes do Coletivo Camaradas/Brinquedoteca que participaram desta construção.

À CAPES, pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa de auxílio.

A todos que integraram o PRODER – Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional Sustentável da Universidade Federal do Cariri – nesses anos no qual estivemos conectados.

À Deleuze, Guattari e Spinoza, que continuam produzindo rizomas com suas obras, independentemente do modo que permanecem no cosmos.

À Deus, pela infinidade de potências de afirmação de vida engendradas na natureza da qual mente e corpo são parte.

“É um erro dizer que o pintor está diante de uma superfície branca. A crença figurativa advém deste engano: de fato, se o pintor estivesse diante de uma superfície branca ela poderia reproduzir um objeto exterior que funcionasse como modelo. Mas não é assim. O pintor tem muita coisa na cabeça, ou a sua volta, ou no atelier. Portanto, tudo o que há na sua cabeça ou à sua volta já está na tela, mais ou menos virtualmente, mais ou menos atualmente, antes que ele comece a trabalhar. Tudo isto está presente sobre a tela, enquanto imagens, atuais ou virtuais. Se bem que o pintor não tenha que preencher sua superfície branca, ele terá antes que esvaziá-la, desimpedir, limpar. Ele não pinta para reproduzir sobre a tela um objeto que funcione como modelo, ele pinta sobre as imagens que já estão lá, para produzir uma tela cujo funcionamento vá inverter as relações do modelo e da cópia. Em suma, é preciso definir todos esses ‘dados’ que estão sobre a tela antes que o pintor comece seu trabalho. E entre tais dados, uns são obstáculos, uns uma ajuda, ou mesmo os efeitos de um trabalho preparatório”. (Gilles Deleuze)

ARAUJO, Di Vládia de Melo Feitosa. *Cartografando efeitos que emergem dos encontros entre corpos em uma Brinquedoteca de Crato-CE*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional Sustentável) – Universidade Federal do Cariri, PRODER, Juazeiro do Norte-CE, 2017.

Perfil do autor: Especialista em Administração Financeira. Bacharela em Ciências Econômicas pela Universidade Regional do Cariri. Bolsista do Programa de Demanda Social da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

RESUMO

A relação entre os corpos é uma composição afetiva da qual emergem acontecimentos. De tais composições experimentamos, criamos, deslocamo-nos via ações e paixões, que trazem consequências às potências de agir e de pensar de corpo e mente conforme vamos sendo atravessados pelos afetos. Para realização deste estudo tomamos o plano das formas para verificarmos repetições e lentificações, permanecendo abertos e atentos àquilo que manifestava-se do plano de consistência e da força dos afetos. Percorremos uma lógica micropolítica, cujo aporte metodológico adveio da cartografia, que foi sendo realizada ao nos movermos por alguns lugares através de abalos vibracionais. Nesse resvalar, tomamos como território existencial uma Brinquedoteca que funciona na comunidade do Gesso, em Crato-CE. Neste local, quisemos saber quais afetos emergiam dos encontros entre corpos, para tanto, assumimos como objetivos realizar uma cartografia na Brinquedoteca; participar das atividades desenvolvidas na Brinquedoteca; e, descrever os afetos advindos dos encontros desencadeados em nós durante a cartografia e aqueles que emergem dos encontros das demais pessoas que atuam naquele lugar. Constatamos, a partir de relatos e observações, enquanto acompanhávamos o grupo, que os afetos mais intensos eram aqueles derivados dos encontros com as crianças. A alegria do encontro com as crianças era algo recorrente tanto em nós quanto nos relatos dos entrevistados. Ouvimos falas tanto de aumento de potência quanto de padecimento. Quanto a este último, era colocado como passageiro, pois, à medida que os brinquedistas passavam por novos encontros, emergiam outros afetos, geralmente alegres, cujo desejo resultante os fazia permanecerem habitando aquele lugar. Experimentamos acréscimos e decréscimos do desejo de agir e de estar com. Tendo em vista a construção de uma vida potente e alegre, tentamos, nesse ínterim, focar nossa energia nos afetos alegres ativos; nos momentos de tristeza, tentamos dar outros sentidos ao que acontecia, recompor agenciamentos, aproveitar a dilatação dos planos para intervir e afetar. Concluímos que a Brinquedoteca por fazer parte do universo de referência das crianças, por ser um espaço de aprendizado, pode a partir da abordagem direcionada, promover processos de afirmação da potência das crianças, assim como, modelizá-las com injeção de outras subjetividades; e que, como território existencial, é um lugar de passagem de afetos, de composição e decomposição de potências. Por fim, frisamos que cabe-nos estar atentos às composições afetivas que propiciamos, haja vista que, aperfeiçoar o intelecto para conter afetos tristes não se faz com manuais que estejam à disposição e é uma tarefa árdua. Portanto, é preciso que formulemos um conhecimento advindo da razão, que entremos em movimento (para sermos afetados de diferentes maneiras), que nos agenciemos a mais e mais corpos e que engendremos novas maneiras de ser e de estar, com foco na produção da diferença e na germinação de uma vida afirmativa.

Palavras-chave: Cartografia. Afeto. Potência de agir e de pensar. Produção de subjetividades. Brinquedoteca.

ABSTRACT

The relationship between bodies is an affective composition from which events emerge. From such compositions we experience, we create, we move through actions and passions, which bring consequences to the potency of acting and thinking of body and mind as we are being crossed by affects. In order to carry out this study we took the plane of the forms to verify repetitions and lentifits, remaining open and attentive to what was manifested in the plane of consistency and the force of affects. We went through a micropolitical logic, whose methodological contribution came from the cartography, which was being carried out by moving through some places through vibrational shocks. In this slip, we take as an existential territory a Toy Library that works in the Gesso community, in Crato-CE. In this place, we wanted to know which affects emerged from the encounters between bodies, for that, we assumed as objectives to carry out cartography in the Toy Library; Participate in the activities developed in the Toy Library; And to describe the affects arising from the encounters unchained in us during the cartography and those that emerge from the meetings of the other people who act in that place. We found from the reports and observations, as we followed the group, that the most intense affects were those derived from the encounters with the children. The joy of meeting with the children was a recurrent thing both in us and in the interviewees' accounts. We hear talk of both increased potency and suffering. As for the latter, he was put on as passenger, for as the toys librarians went through new encounters, other affects, generally cheerfuls, the resulting desire emerged of which kept them inhabiting that place. We experience increases and decreases in the desire to act and to be with. In order to build a potent and joyful life, we try, in the meantime, to focus our energy on the joyous active affections; In moments of sadness, we try to give other senses to what happened, to recompose agencyings, to take advantage of the expansion of plans to intervene and affect. We conclude that the Toy Library as part of the universe of reference of children, as a learning space, can from the directed approach, promote processes of affirmation of children's potency, as well as modeling them with the injection of other subjectivities; And which, as existential territory, is a place of passage of affects, of composition and decomposition of potencys. Finally, we emphasize that it is up to us to be attentive to the affective compositions that we propitiate, since, to perfect the intellect to contain sad affects is not done with manuals that are available and is an arduous task. Therefore, we need to formulate a knowledge that comes from reason, that we enter into motion (to be affected in different ways), that we will agency more and more bodies and that we will engender new ways of being and being, focusing on the production of difference and the germination of an affirmative life.

Keywords: Cartography. Affect. Potency of acting and thinking. Production of subjectivities. Toy Library.

SUMÁRIO

1 INICIANDO... 9

2 DESLIZANDO POR SUPERFÍCIES 13

2.1 Cartografando planos 13

2.2 Marcas e poeiras nas *com*posições ao deslizar 21

3 AFETOS QUE SE PASSAM NA PROFUNDIDADE DOS CORPOS 31

4 OUSADA*MENTE* TATEANDO EFEITOS DE SUPERFÍCIE E MISTURAS QUE ADVÉM DOS ENCONTROS 47

4.1 Esticando, planando, habitando 47

4.2 Movimentando, brincando, afetando, sendo afetado 67

5 CONCLUINDO... 85

REFERÊNCIAS 88

1 INICIANDO...

Se estivermos olhando sob a ótica dos processos de subjetivação capitalistas que alienam e oprimem, pouco teremos a observar sobre a profundidade do ser e sobre os acontecimentos que pairam em sua superfície. Por outro lado, ao percebermos a potencialização que o corpo dá a determinado acontecimento, ou com outras palavras, se percebermos as potências pelos processos de singularização, possivelmente não soará estranho perceber uma revolução molecular.

O *modus operandi* dos sistemas capitalísticos fabricam subjetividades que modelizam os agentes sociais aos seus ditames. Padrões são estabelecidos, maneiras de ser, serializadas... forjam-se as maiorias. Mas, em meio à essa produção de subjetividades, há a possibilidade de um caminho que não necessariamente é a alienação, e sim um processo de singularização, de criação.

Segundo os estóicos, tudo o que existe é corpo, então os corpos estão se encontrando a todo instante. No presente dessa escrita, por exemplo, o corpo pesquisador está se encontrando com vários outros corpos aos quais se agencia. Pesquisar aquilo que ocorre na superfície dos corpos, requer atenção às misturas que emergem dos encontros destes, assim como das potências, que se efetuam a partir daquilo que está acontecendo. Dito de outra forma, além da efetuação espaço-temporal de um acontecimento, este traz consigo a possibilidade de uma nova maneira de ser daquele que o potencializa, pode haver uma transformação da leitura que esse indivíduo faz de si e do mundo ao seu redor. Não se trata de um novo ser, mas de uma nova maneira de ser. São os atributos desse ser que estão se modificando, num devir que o possibilita viver de uma forma diferente, ou seja, à medida que há uma potencialização, uma produção de acontecimentos.

Portanto, destacamos que no entre meio da produção de subjetividade capitalística (que também é fabricada ao nível dos explorados) e de suas funções de diminuição dos processos de autonomização, tais como os processos de segregação, culpabilização e infantilização, encontram-se indivíduos profundos cuja expressão nos possibilita questionar a própria representação que se faz destes. Dos encontros dos corpos emergem potências, cuja expansão ou encolhimento se dá de acordo com os afetos advindos dessas misturas.

Nesse sistema capitalístico, as linhas de fuga são tolhidas e destruídas, o desejo é enraizado na falta, desconsiderando a essência dos corpos que é a potência de agir, assim, somos decalcados num modo de produção de subjetividades, e isso conduz ao esfacelamento de nossas

potências criativas, dos nossos processos de singularização. Todavia, temos a potência de suscitar acontecimentos, movidos por protestos do inconsciente, galgamos à afirmação de novas maneiras de ser, constituímos mapas em inesgotável processo de variação.

Trilhar um caminho de processos de singularização, faz-se com ferramentas singulares, advindas da potência de agir, é uma estrada que passa longe do curvar-se à tutela do Estado ou ao assujeitamento de determinado modo de produzir ideias, materialidades, corpos.

Ainda que um indivíduo viva em uma situação de modelização, das afecções podem emergir potências criativas que irrompem essa lógica. Desta forma, ao irmos de encontro a pessoas nessa empreitada, pudemos identificar os efeitos devastadores ou potencializadores que eles vivenciavam. Escutá-los fez-se importante tanto para pensar os meandros da lógica do capital, como a produção de subjetividades e as afecções pelas quais seus corpos e mentes passam. Assim como, foi um relevante passo para nós, irmos de encontro ao "outro" desconhecido, para tatear nos gestos, olhares, vozes, cheiros, e encontrar algo de nosso nesse corpo social, bem ali, nos sorrisos, sofrimentos, cores, sabores e movimentos.

Percorríamos um mapa em constante processo de variação, através de movimentos cartográficos, que modificava-se cada vez que novos agenciamentos eram construídos ou cortados, e ao passo que os afetos provocavam mutações nesses agenciamentos. Deslizamos nesse rabisco pelo campo micropolítico, na dinâmica dos olhares perceptivos e vibracionais, que nos moveram por alguns lugares ao realizarmos a presente cartografia. Nesse resvalar, tomamos o plano das formas de uma Brinquedoteca que funciona na comunidade do Gesso, em Crato-CE, que faz parte de uma Organização Não Governamental, o Coletivo Camaradas. Neste território escorregamos nas repetições e lentificações, mantendo-nos abertos e atentos àquilo que manifestava-se do plano de consistência àquilo que emergia singularmente. Após participarmos de algumas ações e reuniões do Coletivo, fomos conhecendo sua estrutura interna e principais iniciativas desenvolvidas. Optamos por realizar na Brinquedoteca a cartografia, cujas atividades estavam reiniciando, após um período de recesso. A opção por este terreno foi devido a força dos afetos, que era mais intensa, em nós, nessa ação, do que nas demais que o grupo realizava. Quando o afeto é fabricado, as potências do corpo e mente aumentam ou diminuem, conforme a ideia que temos de determinada afecção. Portanto, cabia-nos deslizar por esse território, deixando os afetos nos atravessarem, aproveitar aquele momento para erigir novas maneiras de ser e de estar.

Em uma cartografia concebemos o problema de pesquisa e os objetivos como processos em constante recriação. Para tanto, o cartógrafo precisa estar aberto aos processos

que emergem, deslocando-se, efetuando novos agenciamentos, abrindo-se aos encontros, dando passagem aos afetos e trilhando por linhas de afirmação de vida. Pesquisar aquilo que paira na superfície dos corpos, almeja estarmos atentos às composições afetivas que emergem dos encontros destes, assim como das potências, que se efetuam a partir daquilo que está acontecendo.

Com o exposto até aqui, delineamos a modificação de nossas concepções a partir do ponto em que iniciamos leituras relativas à noção de acontecimento exposta por Gilles Deleuze em sua obra intitulada Lógica do Sentido. Com este pontapé inicial, outros agenciamentos foram construídos, como foi o caso da nossa aproximação ao pensamento de Félix Guattari, que inicialmente nos veio através da leitura que fizemos de livros dele em parceria com Deleuze, e outros, escritos por ele, e ainda outros dele em conjunto com outros autores. Como que em um rizoma, as conexões iam brotando, e conduziram-nos a outras concepções tais como as do estoicismo e as de Benedictus de Spinoza. A partir das variações provocadas pelas composições com o pensamento desses filósofos no meu modo de pensar e analisar, o campo social e as relações afetivas, nasceu a presente dissertação.

Realizar uma cartografia, esse era o processo inicial, pois não havia outro "ferramental metodológico" que desse suporte à edificação descrita acima. Desse processo, brotam outros, dentre eles, a produção de encontros que vão se dando entre essas nós e as pessoas que compõem a Brinquedoteca. Assim sendo, acompanhamos brincantes e crianças, atentos aos afetos e às subjetividades que iam se dando naquele lugar.

Portanto, a questão central era realizar uma cartografia. Desta forma, fomos "a campo" de forma assistemática, abertos ao que iria aflorar dos encontros e afetos. O desenho da cartografia foi sendo modificado à medida que a questão norteadora e objetivos se ajustavam ao plano da experiência e das intensidades. Fazíamos a pesquisa com pessoas e não sobre pessoas, assim sendo, não nos caberia transcrever apenas os próprios afetos, então quisemos ouvir essas pessoas, conhecer os afetos delas, saber por quê habitavam aquele lugar (que nos chamou atenção pela intensidade dos afetos alegres desencadeados em nós). Passamos a conversar com essas pessoas, a perguntar sobre o que lhes impulsionava a continuarem ou a desistirem de habitar tal território, entre outros assuntos. Em meio a tudo isso alguns processos de produção de subjetividades (de afirmação de algumas e detrimento de outras) saltaram aos olhos.

Sendo assim, neste local em questão, no qual realizávamos a presente cartografia, quisemos saber quais afetos emergiam dos encontros entre corpos. Visando responder a esse

ponto norteador, tivemos como objetivo geral realizar uma cartografia na Brinquedoteca; e, de forma específica: i. Participar das atividades desenvolvidas na Brinquedoteca; e, ii. Descrever os afetos advindos dos encontros desencadeados em nós durante a cartografia e aqueles que emergem dos encontros das demais pessoas que atuam naquele lugar.

2 DESLIZANDO POR SUPERFÍCIES

2.1 Cartografando planos

No capitalismo, as linhas de fuga são obstruídas, destruídas. O desejo é enraizado na falta, na necessidade, no consumo. Somos decalcados num modo de produção de subjetividades, e isso conduz ao esfacelamento de nossas potências criativas, dos processos de singularização. Todavia, temos a potência de suscitar acontecimentos, movidos por protestos do inconsciente, galgamos à afirmação de novas maneiras de ser, constituímos mapas em perene processo de variação.

A formação de um campo social não se dá por práticas repressivas nas potências de um corpo, e sim, estimulativas. Ao instigarmos uma potência, ela se torna criativa. O capitalismo se autodestruiria caso estimulasse nossas potências políticas, por isso incita as potências econômicas, deste modo, estamos a produzir lucro para a acumulação do sistema (ULPIANO, 1989a).

Antes de determinado poder econômico controlar determinado território, este atua na formação de forças produtivas e de consumo, utilizando ferramentas semióticas, comerciais, industriais, econômicas (GUATTARI e ROLNIK, 1996). Há um agenciamento de corpos.

O capitalismo cognitivo, tem-nos produzido uma subjetividade que direciona nosso ato de criação de territórios, ou seja, investimos nosso desejo, afeto, conhecimento e ações não nas sensações vividas, mas nas representações, difundidas pelos *media* e pela cultura de massa, ao instituirmos territórios existenciais (ROLNIK, 2014).

A constituição de paisagens através de movimentos cartográficos desliza pelo campo micropolítico, na dinâmica dos olhares perceptivos e vibracionais que compõem o tracejo.

A micropolítica diz respeito às "questões que envolvem os processos de subjetivação em sua relação com o político, o social e o cultural, através dos quais se configuram os contornos da realidade em seu movimento contínuo de criação coletiva". A problemática micropolítica está situada nesse nível da produção de subjetividades; refere-se aos modos de expressão semióticos; incide "nos pontos de singularidade, em processos de singularização que são as próprias raízes produtoras da subjetividade em sua pluralidade" (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p. 11; p. 28).

Para Guattari, aqueles no meio acadêmico que optam por apenas repassarem saberes científicos, encontram-se numa posição reacionária, reforçando os sistemas de produção de subjetividade dominante. A micropolítica processual é aquela que constrói novos modos de práxis, de referência, de subjetividade que singularizem. Essa construção-invenção é aquela que tanto elucida um campo de subjetivação, quanto intervém nele. Para o pesquisador ou demais membros sociais, "tudo dependerá de sua capacidade de se articular com os agenciamentos de enunciação que arrumam sua responsabilidade no campo micropolítico" (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p. 30).

A micropolítica não significa segregar partes, mas "consiste em criar um agenciamento que permita [...] que processos [de singularização] se apoiem uns nos outros, de modo a intensificar-se" (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p. 79).

Macro e micro "não têm absolutamente nada a ver com 'grande' (a sociedade, o Estado... o todo) e 'pequeno' (o individual, o intraindividual, o grupal... a parte, a unidade)". A diferença que fazemos aqui entre macro e micropolítica diz respeito à lógica contida em cada dimensão. A primeira, constituída por linhas duras, binarismos, planos de organização, generalizações, mapas. A segunda, repleta de intensidades, de rizomas, de planos em constante processo de produção, de cartografias, "de afetos não subjetivados, determinados pelos agenciamentos que o corpo faz, e, portanto, inseparáveis de sua relação com o mundo" (ROLNIK, 2014, p. 59; p. 60).

Esse caminho micropolítico, de construção da pesquisa, transcorre pelo entendimento de que "conhecer a realidade é acompanhar seu processo de constituição", o que necessariamente ocorre à medida que imergimos no "plano da experiência". Para tanto, planamos pelo território, constituímo-nos nesse caminho da pesquisa e nessa caminhada. Cartografar é acompanhar os efeitos do caminho de investigação sobre o objeto, o pesquisador e a produção de conhecimento. O plano da experiência diz respeito ao plano no qual a intervenção acontece, onde ocorre o agenciamento entre teoria e prática, entre os envolvidos na pesquisa (PASSOS e BARROS, 2015, p. 31).

O plano da experiência é designado por alguns como campo de ação, entretanto, no método cartográfico a noção de campo é desestabilizada pela "dinâmica de devir" ou "dinâmica transductiva" presente nestas intervenções. Nessa dinâmica transductiva ou de devir, "[...] as existências [potenciais] se atualizam, as instituições se organizam e as formas de resistência se impõem contra os regimes de assujeitamento e as paralisias sintomáticas". Dito de outro modo,

essa dinâmica amplia as forças potenciais de certos fragmentos sociais, desestabilizando o padrão estabelecido (PASSOS e BARROS, 2015, p. 20; p. 21).

É uma intervenção a partir de processos disruptores constituídos por devires minoritários. De acordo com Guattari, as minorias representam "potencialidades de processos de transformação". Entretanto, elas devem ultrapassar a posição de vitimada e aprofundarem o problema ao nível em que articulam-se: o da produção de subjetividades. Um devir molecular atravessa distintos campos, relações, sistemas, sem procurar reafirmar oposições ou binarismos (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p. 75).

Os devires subjetivos se instauram transversalmente, ou por processos transversais. Esse movimento é processual, no qual atravessa estratificações materiais, de sentido, de sistemas maquínicos entre outros. Daí a transversalidade de uma cartografia (GUATTARI, 1992).

"Com o conceito de transversalidade, Guattari prepara a definição do método cartográfico segundo o qual o trabalho da análise é a um só tempo o de descrever, intervir e criar efeitos-subjetividade". Deste modo ele identificou uma dinâmica coletiva, um "plano em que a realidade toda se comunica". Cartografar é acompanhar o "traçado desse plano ou das linhas que o compõe", cuja tessitura se faz vertical, horizontal e transversalmente (PASSOS e BARROS, 2015, p. 27).

A operação transversal conecta os devires minoritários, enquanto que a operação hegemônica do *socius* acontece de forma dicotômica entre variáveis maiores e menores. Portanto, "a natureza política do método cartográfico diz respeito ao modo como se intervém sobre a operação de organização da realidade a partir dos eixos vertical e horizontal". Nesse momento, a intervenção se faz possível, nesses movimentos de caosmose – "desarranjos e novos arranjos de produção da realidade" – gerados a partir de devires minoritários que se conectaram através das variáveis menores (PASSOS e BARROS, 2015, p. 28; p. 30).

O ato cartográfico visa apreender a dimensão da criatividade processual da subjetividade. Essa criatividade diz respeito a ascensão de rupturas processuais, ou ainda, a promoção de processos de singularização, cujos movimentos desserializam o padrão de modelização impostos pela produção de subjetividade capitalística. Mesmo que em escalas microfísicas, moleculares, há como promover melhoramentos no funcionamento de instituições, grupos e vizinhanças. Tais modificações, das mentalidades e do modo de viver em sociedade, devem estar atreladas a uma produção de subjetividade que enriqueça continuamente o arranjo coletivo do *socius* (GUATTARI, 1992).

O processo, o qual consiste no "objeto" a ser acompanhado pelo cartógrafo, diz respeito ao movimento feito ao traçar o mapa, mapa este que deve ser construído constantemente, caso contrário, o cartógrafo estará apenas exercendo uma macropolítica, desenhando o plano das formas.

A cartografia "[...] é tomada como um mapa em constante processo de produção, instaurando um processo de experimentação contínuo capaz de criar novas coordenadas de leitura da realidade, criando uma ruptura permanente dos equilíbrios estabelecidos". Ao desenhar um mapa, recria-se o campo investigado, pois este fazer volta-se para a experimentação, para o fato de o pesquisador estar aberto às modificações e conexões que surgirão. Sendo assim, em uma cartografia há uma recriação perene do problema investigado e do movimento das forças ao tomarem uma forma (ZAMBENEDETTI e SILVA, 2011, p. 457).

O plano das forças coexiste paralelo ao plano das formas, produzindo os objetos ou sujeitos ou as formas, e revelando os processos desses objetos, assim como, os efeitos de subjetivação (ESCÓSSIA e TEDESCO, 2015).

A cartografia, então, enquanto "método de produção de conhecimento" procura habitar esse plano das forças, avançando em relação à ciência moderna que se restringe a descrever e/ou classificar os contornos estáveis do objeto, sua regularidade, e muitas vezes, promovendo generalizações. Desta forma, a cartografia amplia a percepção, ao englobar este plano móvel.

"[...] os atos do cartógrafo, sendo também coletivos de forças, participam e intervêm nas mudanças e, principalmente, nas derivas transformadoras que aí se dão" (ESCÓSSIA e TEDESCO, 2015, p. 92 e 93).

Os planos (das formas e das forças) são complementares, neles há atravessamentos múltiplos, desta forma, o ato de pesquisar também passa pela representação, uma vez que o cartógrafo passa pelo plano das formas ao construir relações entre os dois planos.

"O plano das formas [...] concerne às figuras já estabilizadas – individuais ou coletivas" (ESCÓSSIA e TEDESCO, 2015, p. 94) nele estão as coisas e os estados de coisas. Importante frisar que, no pensamento da representação existe a noção de que esses objetos estáveis, fixos ou com movimentos regulares, cujas formas derivam de sua lentificação, são universalizáveis, entretanto, eles resultam de um jogo de forças, das composições do plano das formas e do plano das forças.

Fugindo ao modo de pensamento da representação, a filosofia da diferença considera a existência de "objetos singulares, envolvidos num processo geral de

desterritorialização [...] [cujo] perfil, [...] não poderá ser remetido às referencias ordinárias das significações dominantes". Os devires, enquanto sistemas de intensidade, não são categorizáveis em torno de um modelo representacional (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p. 82).

A questão cartográfica não é a descrição da forma, mas entender como esta é constituída a partir do agenciamento de forças (ZAMBENEDETTI e SILVA, 2011).

A lentificação das forças (geralmente provisória) dá essa falsa impressão de generalidade, universalidade das formas. "É nesse sentido que as conceituações das ciências humanas têm falhado ao considerar o coletivo[1] como restrito ao que já é em si mesmo uma forma ou uma figura fechada, ignorando-o em sua dimensão mais ampla" (ESCÓSSIA e TEDESCO, 2015, p. 95).

Essa definição de coletivo é o que Deleuze chama de plano das forças, Gilbert Simondon de plano genealógico das formas pré-individual ou transindividual, que seria um "espaço-tempo entre o individual e o social, espaço dos interstícios, plano de criação das formas individuais e sociais, origem de toda mudança". Essa matéria pré-individual ou fluxo de energia, possui natureza variável interferindo a todo instante na forma individuada. A realidade pré-individual é anterior à individuação, que é o processo de constituição das formas (físicas, orgânicas, psíquicas, sociais dentre outras) individuadas (ESCÓSSIA e TEDESCO, 2015, p. 96).

O ser tem, então, duas dimensões: i. Individuada: "marcada pela tendência à repetição de si e, portanto, reconhecida por singularidades facilmente delimitáveis e, neste sentido, capturável pelo exercício da representação"; ii. Pré-individual: "constituída por pontos singulares, isto é, por puras diferenças potenciais, alheias à ordenação" (ESCÓSSIA e TEDESCO, 2015, p. 98).

Analisando metodologicamente, isso mostra que o objeto de pesquisa está em constante movimento, assim como as demais formas, ao passo que há essa comunicação entre as duas dimensões. Como a cartografia investiga as formas, mas sem dissociá-las do plano coletivo das forças, persegue o processo contínuo de individuação, ou seu processo de criação. O coletivo de forças é potência para novas criações, uma vez que

[1] Guattari (1992, p. 20), explica que o termo coletivo, ao qual se refere ao falar de agenciamentos coletivos de enunciação, no que tange à subjetividade, deve ser compreendido "no sentido de uma multiplicidade que se desenvolve para além do indivíduo, junto ao *socius*, assim como aquém da pessoa, junto a entidades pré-verbais, derivando de uma lógica dos afetos". Ou seja, não se quer com a utilização deste termo resumir-se a uma dicotomia entre relações individuadas e sociais, nem a um determinado agrupamento social.

> [...] todo ser individuado (um indivíduo, um grupo social, uma instituição) permanece, após a individuação, com uma carga pré-individual que pode ser ativada a qualquer momento, o que os torna seres sempre inacabados e em permanente processo de individuação (ESCÓSSIA e TEDESCO, 2015, p. 98).

A cartografia amplia a perspectiva da produção de conhecimento ao mostrar o plano das virtualidades (dimensão pré-individual), no qual situam-se intensidades e singularidades.

Mas, como ativá-lo? "Ou não se trata de ativação, mas de construção do plano transindividual?". Segundo Escóssia e Tedesco (2015, p. 100), como a cartografia não separa pesquisa de intervenção, possibilita a construção de territórios metaestáveis. Cabe-nos, enquanto cartógrafos, construir um plano com relações não-hierarquizadas, com situações não-familiares, "para que ajamos não acorrentados a ações cotidianas repetitivas. Assim, surgem novas formas. A questão que fica é ter o foco na processualidade, na criação de práticas, nesse coletivo transindividual.

Consoante Barros e Kastrup (2015, p. 59), "o objeto-processo requer uma pesquisa igualmente processual", portanto, a processualidade deve estar em todos os momentos da pesquisa, inclusive na escrita. Por sua vez, o território presente é dotado de uma espessura processual, ou seja, tudo aquilo que o impossibilita de ser representado.

"Representar implica tomar algo em sua forma instituída; já cartografar implica tomar algo em seu processo de produção e transformação" (ZAMBENEDETTI e SILVA, 2011, p. 457).

Cabe ao cartógrafo abrir-se ao encontro, deixar-se levar pelo campo coletivo de forças ao "qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente" (BARROS e KASTRUP, 2015, p. 57). Cabe ainda, deslocar-se, desdobrar novas ações, problematizar questões, articular com o todo.

Até aqui, vimos que "[...] a perspectiva cartográfica aponta para o campo de virtualidades e a possibilidade de novas configurações do processo de atualização" (ZAMBENEDETTI e SILVA, 2011, p. 461). Isso porquê, de acordo com os autores supracitados, o problema de pesquisa precisa ser religado às condições que o originaram, ao campo das virtualidades, onde ocorre o processo de atualização. Mas, não de modo a enfatizar individualidades, e sim, interrogar e narrar ao analisar os processos de repetição e produção de diferença.

Essas noções de atual, virtual e *Aion* colocadas por Deleuze, "propiciam um deslocamento do plano de formas para o plano de forças e processos" (ZAMBENEDETTI e SILVA, 2011, p. 461).

No que concerne ao *Aion*, Deleuze (2007, p. 64) expõe que na perspectiva estoica "existem duas leituras de tempo: presente e passado-futuro. [...] o tempo do presente é pois sempre um tempo limitado, mas infinito porque cíclico. [...] cada presente se divide em passado e em futuro, ao infinito". Nesse eternamente-infinito-cíclico, chamado presente, podemos acompanhar a efetuação temporal do acontecimento, ou seja, sua efetuação num estado de coisas, pois este não contradiz o *Aion*, porquanto é nele como linha reta que traçamos o ponto aleatório na qual as singularidades se distribuem, e onde os acontecimentos se comunicam, formando um só e mesmo Acontecimento.

Desta forma, complementam Zambenedetti e Silva (2011, p. 459), a concepção do tempo *Aion*, cuja efetuação do acontecimento escapa à história, implica em pensar os acontecimentos em sua simultaneidade, pensar os fenômenos em nós e no presente, o que dele podemos interrogar, para podermos "buscar estratégias de diferenciação, resistência e constituição de linhas de fuga".

Na concepção estoica, que fundamenta filosoficamente questões referentes ao pensamento acerca da cartografia, o corpo está preso ao presente, sua potência também. Mas, o acontecimento que é um efeito dos encontros dos corpos, é da dimensão *Aion*, passado – futuro, o que possibilita aos homens, ultrapassarem o campo experimental, trazer o mundo ao futuro.

Então, apesar de a cartografia acompanhar processos a partir do presente, algumas vezes o passado atravessa e provoca modificações no futuro. Para isto, é necessário estar em campo e ser afetado por aquilo que afeta os demais membros da pesquisa (BARROS e KASTRUP, 2015).

> O cartógrafo, imerso no plano das intensidades, lançado ao aprendizado dos afetos, se abre ao movimento de um território. No contato, varia, discerne variáveis de um processo de produção. Assim, detecta no trabalho de campo, no estudo e na escrita, variáveis em conexão, vidas que emergem e criam uma prática coletiva (BARROS e KASTRUP, 2015, p. 74).

Vale ressaltar, o exposto por Rolnik (2014) quanto ao redirecionamento de uma estratégia política identitária para uma antropofágica, no que concerne à criação de territórios, uma vez que esta última, influencia os movimentos de afirmação de vida, e portanto, as construções que fazemos com o outro em nosso corpo vibrátil[2]. "O enrijecimento patológico do princípio identitário" caracteriza as políticas de subjetivação, para a manutenção do poder, uma vez que esse princípio desconsidera as expressões do corpo vibrátil, sua relação viva com o outro, humilham-nas e desqualificam-nas, bloqueando as forças de criação. Enquanto que, uma

[2] Esse conceito será trabalhado na próxima sessão.

política antropofágica teria como características a maleabilidade para experimentar e improvisar na criação de outros territórios, "ausência de identificação absoluta e estável com qualquer repertório, a abertura para incorporar novos universos, a liberdade de hibridação" (ROLNIK, 2014, p. 19).

Rolnik fala-nos do desafio que é a montagem de novos territórios, haja vista que a subjetividade capitalística impõe-nos modelos, ritmos temporais e reduz-nos à condição de suporte de valor, além de marginalizar aqueles que almejam criar suas próprias configurações territoriais independentes das serializações subjetivas. Muitas vezes, tudo isto confabula para uma posição reacionária no rol das identidades reconhecidas. Entretanto, outras vezes, o inconsciente protesta a essa linha de montagem do desejo, afirma ou inventa outras maneiras de ser, outros territórios, outros mundos. "A raiz desse sistema, que tem por base a padronização do desejo, sofre um golpe a cada vez que isso acontece" (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p.12).

Os agenciamentos que serão feitos nesses territórios poderão desembocar numa produtividade extraordinária ou num inferno. Daí a urgência de uma nova suavidade, de uma invenção de outras relações, seja com o próprio corpo ou com aqueles com quem nos agenciamos (GUATTARI e ROLNIK, 1996).

Para que o processo de criação de territórios se norteie através dos movimentos de afirmação de vida, faz-se necessário basear-se "nas urgências indicadas pelas sensações, ou seja, os sinais da presença do outro em nosso corpo vibrátil" (ROLNIK, 2014, p. 20).

O território vai sendo construído e vai-se construindo com a influência do pesquisador, às vezes simplesmente por sua presença. À medida que caminhamos juntos (pesquisadora e demais participantes da pesquisa), o tracejo do território reconfigura-se, forças atravessam-nos, novos agenciamentos se compõem, o que mostra o caráter processual do próprio problema de pesquisa e dos objetivos propostos inicialmente. Isso requer abertura para esses campos que se abrem, seja com a inserção ou exclusão de determinados elementos estabelecidos *a priori*, como referenciais teóricos, estratégias de produção de dados, intervenções etc. O desenho que fizemos do território depende, além deste enquanto coletivo de forças, das experiências e do nosso corpo vibrátil, como veremos na sessão seguinte.

2.2 Marcas e poeiras nas *com*posições ao deslizar

Um obra pode ser compreendida pelas composições que fazemos com ela, um devir-obra. O entendimento de qualquer coisa, se dá pelas composições, pelos agenciamentos que fazemos com esta. Não se trata de pensar a ideia em si mesma (em sua essência), mas em pensá-la em suas composições. Na concepção estoica, um corpo – e podemos entender corpo como tudo aquilo que existe – não tem significação, pois sua essência não é o significado, mas sua potência. Um corpo se entende por sua função, interessa saber como funciona, não seu significado ou sua representação sensível (ULPIANO, 1989b).

Por este entendimento, um cartógrafo não está em busca de significações, mas de "agrimensar, cartografar, mesmo que regiões ainda por vir" (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 11 e 12). Ou, como disse certa vez Guattari (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p. 114), "a gente pode sempre escrever tudo o que acontece em nossa existência".

Durante os movimentos cartográficos realizados nessa pesquisa, o acontecimento cartografar, mostrou-nos uma produção de campos de virtualidades. Logo nas primeiras visitas a campo, o problema, inicialmente traçado, entrou em processo de variação e, consequentemente, os objetivos. Percebemos isso em uma das primeiras reuniões que participamos com o grupo acompanhado durante a pesquisa. Era a primeira reunião de planejamento do calendário de ações que participamos. A seguir, o relato extraído do diário de campo:

> [...] O encontro aconteceu na casa de um dos membros do grupo, regada a chá, café, biscoitos, pessoas colocando os assuntos em dia e decidindo coletivamente como empregariam recursos financeiros nas atividades a serem realizadas no semestre. O grupo atua em atividades na área artística, como poesia, intervenções urbanas, exibição de filmes e documentários; educação popular, por exemplo, dirigem uma brinquedoteca, lançam livros, cordéis; promovem eventos culturais; realizam oficinas; entre outras.
>
> Neste dia, tive dimensão da quantidade de ações fomentadas em cada subdivisão destas atividades, listadas anteriormente, e constatei, mais tarde, que eu precisaria focar em algumas, para que pudesse acompanhar com assiduidade os processos desencadeados e pudesse participar ativamente. Foi o disparo para repensar o problema de pesquisa traçado.

Portanto, apresentavam-se novos problemas, assim como, o primeiro desdobrava-se. Mais um processo em curso a ser acompanhado. As linhas estavam trêmulas, em variação.

Uma cartografia enquanto ferramenta para acompanhamento de processos, aspira, da mesma forma, uma escrita como um processo estranho ao ego de quem escreve, intrusa, à medida que ameaça o sistema de representação de mundo do escritor, singular por sua criatividade. Tais elementos terão "um alcance máximo na produção de mutação da sensibilidade" em todos os campos da revolução molecular (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p. 114-115).

Nas visitas feitas visando tatear lugares em busca de desenvolver a cartografia que se pretendia realizar, experimentamos algumas dessas mutações da sensibilidade. Abaixo, consta um trecho do diário de campo que mostra tais elementos:

> Na busca de um lócus para escrever a dissertação iniciei o percurso cartográfico, esta seria minha primeira ida à campo para fazer observação assistemática. Informei ao grupo visitado, anteriormente, que se trataria de uma visita visando constituir ali o possível território da pesquisa. Queria falar das ideias iniciais que nutria para a pesquisa, principalmente da cartografia, de seu modo de funcionamento, mas não sabia como fazê-lo, pois achava que isso requeria uma conversa detalhada a respeito de questões epistemológicas complexas, como o pensamento da filosofia da diferença, por exemplo. Mas por que queria fazer essa explanação? Porque em conversas feitas com catadores de materiais recicláveis e com membros de organizações não-governamentais e de comunidades rurais, havia ouvido deles o desinteresse em participar de estudos acadêmicos, uma vez que, tendo eles participado em outros momentos, percebiam que dedicavam seu tempo, mas essa dedicação não era restituída com algo que trouxesse-lhes alguma contribuição, e que, no máximo, o pesquisador voltava lá para apresentar-lhes os resultados da pesquisa. Queria, portanto, falar pelo menos do engajamento do cartógrafo nas atividades desenvolvidas com e por eles, da contribuição e produção de dados de forma aliada, e que não se tratava de apenas observar para coletar informações.
>
> Nesta primeira visita, o dia amanheceu ensolarado, estava quente, o céu sem nuvens mostrava que a subida da ladeira rumo ao local seria pesada. Fui à pé, caminhei cerca de 30 minutos até lá. Adentrei ao bairro e perguntei pelo endereço informado,

> mas não souberam informar, decidi adentrar mais, sentia que ainda estava nas margens, próxima à zona conhecida. Uma zona de conforto? Provavelmente sim, pois já havia transitado por ali em outras ocasiões.
>
> A relutância em submergir naquele espaço de periferia, dava-se devido à representação feita do mesmo, que frequentemente ocupa as páginas policiais dos jornais locais e que, no boca-a-boca configura-se como perigoso, de venda de drogas, assaltos etc. Eu não estava com medo ou preconceito, mas havia um certo endurecimento do corpo mecânico em não querer se mostrar perdido, por outro lado, o corpo vibrátil queria experimentar o novo, o desconhecido, se desterritorializar.
>
> Fui subindo outra ladeira, indo a um ponto médio do bairro. As pessoas nas calçadas observavam-me, obviamente sabiam que eu não era dali. Avistei quatro pessoas sentadas, dentre elas um idoso, aproximei-me e perguntei pelo endereço almejado. O senhor sorriu largamente e respondeu pausadamente, explicando o ponto de referência. Consegui com essas informações encontrar o destino buscado. Quando retornei lá outras vezes, deslizava mais tranquilamente...

O cartógrafo experimenta um processo de autonomização, no sentido de que ele passa por inúmeras rupturas na sensibilidade, percepção, maneira de ser e de estar, ao engendrar uma pesquisa com tais embasamentos filosóficos. Sua percepção ao habitar e mapear o território existencial, quebra os moldes do fazer científico quantitativo e qualitativo. O tateamento do relevo das sensações, na construção da pesquisa, é o principal movimento para atualização do virtual, sua abertura à oscilação das forças que o atravessam, assim como dos afetos que pedem passagem, muda totalmente o ponto de vista dos acontecimentos acompanhados.

Como disse Deleuze (2008, p. 109), podemos recolher do acontecimento sua efetuação na história, seu condicionamento e apodrecimento na história, por outra via, podemos remontá-lo como um devir, remontar o seu desvio daquelas condições que o designaram, onde cria-se algo novo. Para tanto, "não remontar aos pontos, mas seguir e desmaranhar as linhas [...], [pegar] as coisas onde elas crescem, pelo meio: rachar as coisas, rachar as palavras". Como um rizoma, não cessar de fazer conexões, não fixar um ponto, ordem ou hierarquia (DELEUZE e GUATTARI, 1995).

Tendo em vista que podemos dar outros rumos àquilo que nos acontece, é que intentamos focar nossa energia e atenção nos abraços e sorrisos que recebemos, nas trocas de afetos alegres dos encontros efetuados enquanto estivemos cartografando.

"[...] acontecimentos que não se explicam pelos estados de coisas que os suscitam, ou nos quais eles tornam a cair. Eles se elevam por um instante e é este momento que é importante, é a oportunidade que é preciso agarrar" (DELEUZE, 2008, p. 218).

A cada ida ao campo, elucubrávamos sobre o problema-processo e posições que compõem o arcabouço do modo de pensar cartograficamente um território existencial e dos afetos que nos cortavam. Ficavam mais nítidas as marcas desse processo na composição textual e corporal-subjetiva. Inicialmente, confundia-se na mente[3], mas depois tornou-se claro que estes pensamentos acerca de acontecimento, corpo vibrátil, afetos, processos de singularização, a aproximação à esquizoanálise, e a outros modos de agir, produziam ações e/ou reflexões muito mais para a efetuação de nossa maneira de ser, para a prática de ideias, do que para a pesquisa em si. Como não havia separação entre vida e pesquisa, naquele momento, a mistura era cada vez mais homogênea...

> Pretendo percorrer durante a pesquisa pelas linhas que conduzem a uma leda caminhada, embora isso nem sempre seja possível. Quero guiar-me pela perspectiva de agenciamentos que desbloqueiem novos modos de vida e de expressão, expansão de mente-corpo, por trajetos que desemboquem em bons encontros, boas misturas. Principalmente, porque nesse momento estou gestando, no mínimo, dois corpos: a pesquisa e meu primeiro filho. Cuja descoberta fiz, quando numa dessas idas a campo, senti enjoos devido ao cheiro de tinta que pairava no local em que eu estava; desconfiei, fiz o teste de gravidez, que deu um positivo cuja extensão afirmativa tem se prolongado em todas as dimensões do meu ser... Composição de agenciamentos, afirmação de vida, potências alegres...

Pesquisar aquilo que ocorre na superfície dos corpos, requer atenção às misturas que emergem dos encontros destes, assim como das potências, que se efetuam a partir daquilo que está acontecendo. Na caminhada, surgem muitos afetos que efetuam mutações nos agenciamentos que pretendemos desenhar. Como habitar um território ainda desconhecido, mas

[3] Não concebemos que a mente seja algo oposto ao corpo. São distintos, entretanto não existe hierarquia entre eles. Conforme Spinoza (2015), ambos são atributos da mesma Substância.

que se mostra austero pelas relações de poder que o atravessam? Como reverter as forças reativas que existem, coexistem, subsistem, contristem?

"Que processos se desenrolam em uma consciência com o choque do inusitado? Como se operam as modificações de um modo de pensamento, de uma aptidão para apreender o mundo circundante em plena mutação?" (GUATTARI, 1992, p. 22).

As perguntas são muitas, e densas, e potencializadoras da criação, e almejam soluções ativas, e mostram a repetição monótona da reincidência, e inquietam e entristecem e alegram e denunciam o desafio da alteridade, e, e, e... Precisávamos mergulhar em outros universos de referência, em novos regimes de enunciação, em processos de autonomização para não esmorecer. Era preciso focarmos nas forças ativas que pediam passagem e assim o fizemos... Um exemplo trazido por Guattari, mostra a sensação que tivemos durante um período no qual estávamos cartografando: "Apesar de não haver nenhuma objeção formulada, sentia-se a presença de um afeto difícil de captar, uma espécie de mal-estar, [...] Sentíamos que não havia 'liga'. [...] há algo aí e não sabemos o que fazer ou dizer a respeito" (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p. 51).

Durante os agenciamentos feitos para a construção da cartografia, passamos por certos momentos que reconhecemos como serem de rejeição por parte de algumas pessoas que ali habitavam. Ainda que alguns nos acolhessem, outros olhavam com distanciamento. Havia um incômodo nas entrelinhas, nos bastidores. Uma dificuldade a ser remediada e que foi, pois, como o plano é móvel, as relações se reestabeleceram e pudemos dar continuidade ao trabalho.

Ressaltamos que, segundo Guattari, atitudes normalizadoras são bastante comuns nas ocorrências cotidianas. Essas atitudes são aquelas nas quais ignoramos sistematicamente o outro ou tentamos recuperá-lo para integrá-lo ao nosso rol. Essa recuperação pode ser considerada apenas depois de moldar o outro, dizimar sua singularidade. Mas, efetivamente, isso não muda a situação, pois não envolve aquilo que ele designa atitude reconhecedora, onde a singularidade é considerada como tal e direcionada de forma a possibilitar sua articulação para a construção de um processo cujo desencadeamento venha a transformar dada circunstância (GUATTARI e ROLNIK, 1996).

O pesquisador à medida que se interessa pelo discurso do outro, encontra-se no que Guattari intitula "campo de trabalho social" e sua postura poderá ser ou a de reproduzir "modelos que não nos permitem criar saídas para os processos de singularização, ou, ao contrário, vão estar trabalhando para o funcionamento desses processos na medida de suas

possibilidades e dos agenciamentos que consigam pôr para funcionar" (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p. 29).

A criação de uma relação autêntica com o outro pode vir a partir de novas modalidades de subjetivação, de componentes heterogêneos, tais como: "as relações com o espaço arquitetônico, as relações econômicas, [...] a apreensão de todas as ocasiões de abertura para o exterior, a exploração processual das 'singularidades' dos acontecimentos", ou seja, uma heterogeneidade de componentes, advindos de universos de referência incorporais diferentes daqueles em que estávamos territorializados (GUATTARI, 1992, p. 17-18).

Um exemplo desses processos de autonomização, ou de autopoiese, é colocado por Guattari (1992, p. 16; p. 17), quando atesta essa "compreensão polifônica e heterogenética da subjetividade" desenvolvendo junto a doentes psicóticos uma atmosfera de comunicação e uma produção de subjetividade singular, à medida que os levava a praticar atividades em ambientes nos quais estes não habitavam anteriormente, de forma a criar para estas pessoas "[...] possibilidades diversificadas de recompor uma corporeidade existencial, de sair de seus impasses repetitivos e, de alguma forma, se re-singularizar". Ao final, isso provocava uma melhora no quadro de psicose daquelas pessoas. No caso de uma cartografia realizada com outras finalidades que não a clínica, também há possibilidade de conseguir resultados positivos de afirmação de vida. Ainda que o cartógrafo, segundo Rolnik (2014, p. 70), "nada te[nha] a ver com os mundos que se criam [...] ele tem, e muito, a ver com o quanto a vida que se expõe à sua escuta se permite passagem". Os sistemas de exclusão se fortalecem não apenas pelo ato de calar, mas também pelo de não escutar, no sentido amplo da palavra. Ao discorrer sobre a separação do discurso dos loucos, Foucault (1999, p.13) fala da escuta do médico à fala daqueles: "é sempre na manutenção da cesura que a escuta se exerce", o que impede o desabrochar da sensibilidade, que se faz importante para perceber as variações intensivas.

Em uma das tardes em que estivemos na Brinquedoteca, uma das crianças se aproximou de nós. Um brincante ao cumprimentá-lo ressaltou que ele estava bronzeado. O menino veio em minha direção e proferiu: *"Por que tia é tão branquinha? Eu queria ser assim!"* e tocou o dedo indicador no braço. Essa fala daquela criança de sete anos de idade, de pele parda, nos fez pensar muito sobre por quantos sistemas de exclusão social, preconceito racial e modelização a determinado padrão estético a produção de subjetividade capitalística já

não incutiu ou fez aquela criança e tantas outras pessoas passarem. Aquilo não foi apenas um comentário, a escuta sensível permitiu-nos perceber a produção do desejo[4] no campo social.

De acordo com Rolnik (2014, p. 12), a partir das capacidades cortical e subcortical dos órgãos dos sentidos, nos situamos no mapa representacional e estabelecemos relações do tipo sujeito-objeto, onde o outro faz-se exterior a nós. "A primeira [capacidade] corresponde à percepção, a qual nos permite apreender o mundo em suas formas, para em seguida, projetar sobre elas as representações de que dispomos, de modo a lhes atribuir sentidos". Por outro lado, com a capacidade subcortical, a alteridade é apreendida enquanto força, o outro faz-se parte de nós, nos atravessa, nos afeta, há uma mistura, que emerge enquanto sensações. "Dissolvem-se aqui as figuras de sujeito e objeto, e com elas aquilo que separa o corpo do mundo" (2014, p.12).

Entre estas capacidades, perceptiva e do "corpo vibrátil", existe uma tensão que "mobiliza e impulsiona a potência de criação, na medida em que nos coloca em crise e nos impõe a necessidade de criarmos formas de expressão para as sensações intransmitíveis por meio das representações de que dispomos" (ROLNIK, 2014, p. 13).

> [...] a prática da cartografia cria condições para a transformação das relações entre os elementos/linhas/vetores afetivos, cognitivos, institucionais, micro e macropolíticos, acionando movimentos e sustentando processos de produção. Nesse sentido, a cartografia produz efeitos de produção e transformação de realidade, que também devem ser analisados (KASTRUP e BARROS, 2015, p. 90).

As autoras supracitadas esclarecem que esses efeitos são produzidos por dispositivos, portanto bastante utilizados em cartografias. Sua característica é a irrupção daquilo que estava bloqueado para a criação. "O dispositivo tensiona, movimenta, desloca para outro lugar, provoca outros agenciamentos" (KASTRUP e BARROS, 2015, p. 90).

Em uma das tardes em que estivemos com as crianças na Brinquedoteca, pudemos observar como a utilização de dispositivos modificava a tessitura das composições:

> [...] Por volta das 16 horas, se juntaram mais crianças a nós, elas vinham de uma aula de violão. Estavam agitadas, falando alto, em uma sintonia diferente das que estavam conosco anteriormente. Daí pedi para eles fazerem desenhos e entreguei-lhes lápis de cor e papel. Todos se puseram a desenhar, exceto um, que pediu uma tesoura. Foi-lhe atendido o pedido, e ele fez várias dobras no papel, depois alguns

[4] "O desejo é sempre o modo de produção de algo, o desejo é sempre o modo de construção de algo" (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p. 216).

> recortes, por fim, abriu a folha, e um desenho havia sido montado de uma forma inteiramente diversa da habitual. Ele não se submeteu à entrega do material que lhe dei, ele tinha em mente uma outra ferramenta e fez o seu desenho de uma forma singular.
>
> [...] Perguntei-lhes: " – Vocês sabem tocar qual música no violão?" Entoaram: " – Você é assim, um sonho pra mim, e quando não te ve-jo, eu penso em você-ê desde o amanhece-ê, até quando eu te vejo. Eu gosto de você, e gosto de ficar com você...[5]" As crianças dão respostas inusitadas e criativas, um adulto, provavelmente diria o nome da canção ou de quem a canta, elas não, começaram logo a ressoar o canto, acompanhei-as cantando a música... A sintonia da tarde mudou novamente com eles desenhando e cantando.

Rolnik (2014, p. 31), chama de corpo vibrátil aquele "corpo sensível aos efeitos dos encontros dos corpos e suas reações: atração e repulsa, afetos, simulação em matérias de expressão". Ainda que o corpo e o corpo vibrátil sejam um só, cada um deles capta diferentes elementos das situações vivenciadas. Por exemplo, o "olho do visível", ou olho nu, capta a dimensão de movimento e lentidão dos afetos nos corpos. Já o "olho vibrátil" vislumbra nesses "mesmos afetos, o estado intensivo da potência" (ROLNIK, 2014, p. 39). Muitos dos movimentos durante esta cartografia, só puderam ser apreendidos graças à vibração corporal, como na situação descrita abaixo:

> O local estava polvoroso, as pessoas organizavam-se para início da feira de troca de materiais recicláveis por alimentos. Uma mulher chegou com uma criança, que aparentava ser seu filho, pela semelhança genótipa que apresentavam: olhos fundos e da mesma cor, rostos longilíneos, ambos magros e altos. Ela trazia dois livros e um uma garrafa *pet* de 500 *ml* para trocar por alimentos. [...] recebeu alguns itens (um pedaço de sabão em barra, coentro e arroz) que condiziam mais com a situação financeira familiar do que com a quantidade de material que ela levou para a troca, como fiquei sabendo depois. Antes dela sair, pediu um copo com refrigerante para seu filho – pois como eu estava sendo considerada visita na feira, o pessoal comprou

[5] (ANTUNES, A.; BROWN, C.; MORAES, D.; e MONTE, M., 2002).

> refrigerante para mim, e a garrafa ficou lá em uma das mesas afim de servir as demais pessoas.
>
> Na esquina, um homem esperava pela mulher, abordou-a, falou-lhe algo e ela lhe mostrou os itens que levava em mãos, ele pegou o sabão e saiu andando na frente. Ela e o filho ficaram para trás, ambos cabisbaixos, com semblantes desmotivados. O que o homem faria com o sabão? Servir-lhe-ia como escambo também em um outro lugar? Não me cabe conjecturar.
>
> Depois deste episódio, despedi-me. Eram doze e meia da tarde. Sombrinha e protetor solar não me livraram das queimaduras solares na pele, que sofri na volta para casa. Mas, essa dor já parou de arder, por outro lado, aquele olhar penetrante da criança que queria o refrigerante, humilde e esperançoso por dias melhores, ainda dói em mim ao visualizar a cena. A vibratibilidade de outro modo de olhar o que aconteceu, me afeta de maneira diferente, esta destaca que no entre meio da exclusão social e dos processos de segregação e culpabilização que atuam como funções que recaem sobre as pessoas numa situação de pobreza, encontram-se indivíduos profundos cuja expressão nos possibilita questionar a própria representação que se faz destes. Passar fome dói e deixa marcas, mas para além desta representação que se faz da pessoa que vive esta situação, não se pode esquecer das potências que compõem o ser.

Para despertarmos o corpo vibrátil, Rolnik (2014, p. 39) propõe que encontremos o "fator de a(fe)tivação [...] que aguce a sensibilidade"; o que pode acontecer através de "um passeio solitário, um poema, uma música, um filme, um cheiro ou um gosto... Pode ser a escrita, a dança, um alucinógeno, um encontro amoroso – ou, ao contrário, um desencontro". Não há uma fórmula, cada um terá sua sensibilidade acentuada de diferentes modos e isso varia de pessoa para pessoa. Algo que disparou a sensação hoje, não necessariamente o fará novamente. No caso de nossa escolha pela Brinquedoteca, foi a receptividade de seus membros, os abraços e o carinho das crianças naquele momento que nos ativaram as sensações.

O corpo vibrátil indica as direções a serem seguidas, bem como os agenciamentos a arranjar. Só assim poderemos "criar, para os afetos daquele encontro, um plano de consistência que lhe permita expandir e irrigar sua existência [...]" (ROLNIK, 2014, p. 44).

A aposta da cartografia é de um agenciamento entre os participantes, "uma composição de corpos envolvendo afecção mútua" (BARROS e KASTRUP, 2015, p. 57). Ou

seja, deixar marcas e também receber, afetar e ser afetado, provocar modificações nas estruturas, experimentar mutações sensíveis, efetuar parcerias, compor com o território.

O cartógrafo não está destituído de misturar-se, de enxergar a si nos demais que compõem o corpo da pesquisa. Bem como, há muitas vezes, um movimento recíproco. Na cartografia há espaço para observar ditos e não-ditos, para aproximar-se daqueles que participam da pesquisa. Aproximação que, por sua vez, provoca mudanças nestes indivíduos e no território, que traz descobertas, que requer comunicação, interação, compartilhamento, que gera aprendizagem e estranhamentos e que almeja sensibilidade ao pairar pelo silêncio, por gestos e por discursos.

Vasconcelos (2013, p. 47 e p. 46), na ida ao campo, movimentava-se em prol do afastamento do que lhe era familiar e ao encontro de uma "zona problemática" onde os corpos se afetam, por entender isso não como "agruras", mas "como o grande empreendimento metodológico". A questão é olhar "[...] o outro sem representá-lo, mas deixando-se afetar e ser afetado, sentindo na pele a violência decorrente do encontro com o outro, [...] permitindo diferir".

É sobre esta afecção e afetos que trataremos no próximo capítulo, evidenciando como isso interferiu nos movimentos de pesquisa e de vida.

3 AFETOS QUE SE PASSAM NA PROFUNDIDADE DOS CORPOS

Das composições afetivas feitas entre corpos – cuja força profunda produz efeitos incorporais que se passam numa tênue camada – movimentos ações e paixões são engendrados trazendo consequências à potência de pensar da mente e a de agir do corpo. A partir de tais concepções, abordaremos, neste capítulo, o pensamento de Spinoza (2015), que será como que uma aquarela, na qual pincelaremos situações advindas dos encontros decorrentes da pesquisa.

O afeto surge após algo que o estimule, ele é produzido, não pode ser definido, visto que é um funcionamento, um agenciamento, o próprio agenciamento, desta forma, pode ser inventado, no sentido de fabricado. Não são emoções, nem pulsões, são produtores de agenciamentos. Os afetos são o que fazem os corpos se encontrarem, em outras palavras, a relação entre os corpos é uma composição afetiva e estas geram os acontecimentos, assim como os agenciamentos dos corpos, geram acontecimentos, que são do plano da diferença. O corpo só pode ser pensado pela diferença, pois este está sempre envolvido em um acontecimento. O corpo não varia, não perde seu atributo essencial, ou seja, sua potência, mas o acontecimento provoca flutuações nele. Sua essência é a produção de acontecimentos. A cada acontecimento podemos dar-lhe inúmeras potencias diferentes, ou seja, potencializá-lo, sermos germinativos, criativos, experimentarmos... (ULPIANO, 1989c; 1989a). Desta forma, "é seguindo a fronteira, margeando a superfície, que passamos dos corpos ao incorporal" (DELEUZE, 2007, p. 11).

Mente e corpo estão unidos. Quanto mais o corpo age, mais a mente percebe. Quanto mais esse corpo age a partir dele próprio e quanto menos outros corpos participam destas ações, mais a mente compreenderá distintamente. De outro modo, a mente terá deste corpo ideias confusas. "Se com efeito, o corpo não fosse objeto da mente humana, [...] as ideias das afecções do corpo não existiriam em nossa mente. Entretanto, temos as ideias das afecções do corpo. Logo, o objeto de ideia que constitui a mente humana é o corpo [...] existente em ato". O homem constitui-se de mente e corpo, e seu corpo existe tal como o sente. (SPINOZA, 2015, p. 61).

Os corpos fazem parte de uma mesma substancia[6] – aquilo que existe em si mesmo" – e de um mesmo atributo, a extensão. Não há distinção entre corpos pela substancia, mas pelas composições que estes fazem com os demais. O corpo constitui-se de inúmeros corpos, cada um também composto por tantos outros indivíduos. Cada um destes indivíduos é afetado por

[6] Entretanto os corpos são coisas singulares, pois são afecções dos atributos de Deus, "um modo que imprime, de uma maneira definida e determinada, a essência de Deus, enquanto considerada como coisa extensa" (SPINOZA, 2015, p.51).

corpos exteriores de variadas formas. Nem sempre um afeto/afecção recai sobre todo o corpo, eles podem afetar apenas parte dele. Ainda que o corpo sofra muitas mudanças, ele pode preservar as impressões e imagens daquilo que o afetou, e as considerará como presentes, pela ideia que tem da afecção do corpo exterior. Estes corpos são determinados ao movimento ou ao repouso pelo encontro com outros corpos. Desta forma, um corpo pode mover outro de variadas formas[7] e provocar em outros maneiras totalmente distintas de locomoção e/ou repouso. Dito de outro modo, podem ser afetados de várias maneiras, pelas quais terá sua potência de agir expandida, reduzida ou estável (SPINOZA, 2015, p.13).

Portanto, no encontro entre corpos há possibilidade de expansão, de novas maneiras de ser, de construção de novos universos de referência. "Quem tem um corpo capaz de muitas coisas tem uma mente cuja maior parte é eterna". Quanto mais coisas o corpo é capaz de executar, mais terá uma mente consciente de si mesmo, de Deus e demais coisas. "Nem o corpo pode determinar a mente a pensar, nem a mente determinar o corpo ao movimento ou ao repouso, ou a qualquer outro estado (se é que isto existe)", pois corpo e mente advém de atributos diferentes, um pensa pelas afecções do pensamento e o outro age pelas afecções de extensão. "O fato é que ninguém determinou, até agora, o que pode o corpo [...]. O que o corpo [...] sem que seja determinado pela mente – pode e o que não pode fazer" (SPINOZA, 2015, p. 235; p. 100; p. 101).

Deleuze (1968, p. 153) esclarece que essa questão do que pode o corpo diz respeito à natureza e aos limites do seu poder de ser afetado, e "não sabemos de que afecções somos capazes, nem até onde vai nossa potência".

A mente tem as ideias das afecções do corpo, ou seja, a ideia dos efeitos desse corpo existente em ato. Essas ideias são múltiplas haja vista os muitos indivíduos que compõe o nosso corpo. "A mente humana com efeito, é a própria ideia, ou o conhecimento do corpo humano". "As ações de mente provém exclusivamente das ideias adequadas, enquanto as paixões dependem exclusivamente das ideias inadequadas" (SPINOZA, 2015, p. 70; p. 104).

Consoante Deleuze (2002), haja vista que a ideia adequada é explicada pela potência de compreender que possuímos, nós não a temos sem que sejamos causa adequada dos afetos (ativos) resultantes destas. Por outro lado, ao termos ideias inadequadas, somos também causa inadequada dos nossos afetos paixões conseguintes.

[7] Estas coisas são percebidas pela mente. A mente só perceberá algum corpo exterior, se este afetar o corpo humano que é com ela um só. Vale dizer que, a mente tem mais capacidade de perceber adequadamente a medida que os outros corpos tenham propriedades em comum com o seu (SPINOZA, 2015).

Portanto, a mente empenha-se por imaginar coisas que estimulem ou aumentem a potência de agir do corpo e, consequentemente, sua potência de pensar. Caso imagine ou lembre de coisas que refreiem estas potências, esta se esforçará por imaginar algo que destrua aquela recordação ou ainda, evitará pensar em tais situações/encontros/corpos. Em outras palavras, a mente possui uma qualidade afirmativa, ao esforçar-se apenas por afirmar o que é e o que pode. Em alguns momentos há necessidade de se construir um novo plano de consistência, pois dados os afetos pujantes, advindos de encontros atuais, aquele plano não funcionará mais como mola propulsora para afirmação de vida.

Efetuar encontros para construção da pesquisa abriu-nos a novos agenciamentos naquele lugar e com aquelas pessoas. Durante todo o percurso nosso intuito era o de potencializar aquilo que acontecia, de construir agenciamentos que desembocassem em novos modos de expressão e de vida, dando passagem às forças ativas, visando expandir mente e corpo.

Ainda que a presença de "pesquisadores" cause desconforto naqueles que estão participando da pesquisa, e que isso gere desconfiança a partir das interpretações feitas daquela presença "estranha"; e, por mais que, haja em alguns momentos, engessamento das relações por parte dos que estavam fixados anteriormente naquele território trilhado, pudemos perceber que com as repetidas idas ao plano de representações, as arestas do plano de consistência ora ou outra se dilatavam, possibilitando-nos intervir, atravessar hierarquias e gerar vínculos de empatia com os membros.

Intuímos que alguns habitantes do território acompanhado, certas vezes, preocupavam-se com aqueles que chegam: em conhecer suas análises a respeito do que tem acompanhado, sobre os rumos que a pesquisa segue, sobre a postura da pesquisadora em meio às práticas norteadas pelo corpo para com o corpo, sobre o que está sendo perguntado, dito e escrito. Disto se segue que, as imaginações consoantes à presença do pesquisador tornam o trabalho mais denso, pois a construção de ideias inadequadas além de impactarem negativamente na expansão do próprio corpo e mente do território habitado, ainda causam atrofia nos agenciamentos que podem ser construídos nos encontros. Mas, como não nos guiamos pela falta, todavia pelo que podemos, pela emergência das potências, entendemos essas decomposições como movimentos singulares, que desembocam no estabelecimento de novos modos de agir.

Voltando à questão da imaginação, conforme Spinoza, esta "é uma ideia que [...] indica mais o estado presente do corpo humano de que a natureza do corpo exterior"

(SPINOZA, 2015, p. 232). Sobre isto, ele dá o exemplo de imagem que fazemos do sol à medida que este afeta o nosso corpo: imaginamos que ele esteja muito próximo, não por desconhecermos sua verdadeira distancia, mas pela impressão deste em nosso corpo. "[...] porque a afecção de nosso corpo envolve a essência do sol, enquanto o próprio corpo é por ele afetado" (SPINOZA, 2015, p. 78).

A mente humana pode aderir a uma ideia por uma opinião, através de imagens, que os sentidos nos apresentam parcialmente; e por certas palavras que ouvimos ou dissemos, e, a partir disto, atribuir noções universais a coisas que julgamos semelhantes. Tal conhecimento de primeiro gênero, opinião ou imaginação, surge a partir de "percepções de conhecimento originado da experiência errática". Geralmente, "os homens são movidos mais pela opinião do que pela verdadeira razão", eles formulam ideias inadequadas acerca de imagem do corpo que afetou o seu corpo e daquele afeto que se seguiu a esta mistura. Quando isso ocorre, necessariamente a mente padece, os afetos estão reduzidos à imaginação, pois a mente não fará distinção entre aquela imagem e aquele afeto. "Durante todo o tempo em que o homem é afetado pela imagem de uma coisa, ele a considerará como presente, mesmo que ela não exista". Portanto, a mente se esforçará por imaginar aquilo que estimula sua potência de pensar e a potência de agir do corpo. Por outro lado, se esforçará também "por imaginar aquilo que inclui a existência das coisas que diminuem ou refreiam a potência de agir do corpo". Como neste tipo de conhecimento por opinião não se tem um conhecimento das composições afetivas, mas apenas de imagem, que se faz daquele encontro, derivam-se dele, afetos paixões do ânimo. Este afeto paixão do ânimo é uma ideia inadequada "pela qual a mente afirma a força de existir, maior ou menor do que antes, de seu corpo ou de uma parte dele" (SPINOZA, 2015, p. 81; p. 167; p. 111; p. 113; p. 152).

Quando o homem tem ideias inadequadas, ele padece, pois nele ocorre algo que provém de sua virtude, apenas, parcialmente. "Nenhuma ideia é inadequada e confusa senão enquanto está referida à mente singular de alguém", pois a mente humana não conhece adequadamente as partes que compõe o corpo humano, visto que, estas não pertencem à essência do próprio corpo, apenas quando comunicam entre si os seus movimentos. "[...] só padecemos necessariamente à medida que imaginamos, ou seja, [...] à medida que somos afetados por um afeto que envolve a natureza do nosso corpo e a natureza de um corpo exterior". O homem padece quando acontece-lhe algo ou quando de sua natureza se segue algo do qual ele é causa parcial. Portanto, a mente humana é submetida a paixões quando esta tem ideias inadequadas. "As imagens das coisas são afecções do corpo humano, cujas ideias representam

os corpos exteriores como presentes a nós [...], cujas ideias envolve a natureza do nosso corpo e, ao mesmo tempo, a natureza presente de um corpo exterior". Os três afetos primários, desejo, alegria e tristeza, bem como demais afetos derivados destes, poderão causar na mente e corpo humanos uma paixão do ânimo, desde que sejam efeitos de uma ideia inadequada, colocando os homens em um estado de servidão[8] (SPINOZA, 2015, p. 78; p. 136; p. 116).

Assim como os demais participantes da pesquisa podem formar ideias inadequadas, acerca do cartógrafo, este quando está em seu ambiente de planejamento procurando um território no qual habitar, pode construir ideias inadequadas baseadas na imagem que faz daquele espaço de interação. Às vezes, são ideias utópicas, idealizações positivas que aumentam seu ímpeto pelos encontros; outras vezes, são imagens baseadas no medo de que determinado processo o leve a linhas duras, que cortem os fluxos cartográficos. O certo é que, a todo momento, os corpos estão se encontrando, sofrendo afecções, afetando e sendo afetados. Experimentar, deixar de interpretar *a priori*, misturar-se, provocar encontros, são modos de saborearmos mais realidade do que aquela advinda das imagens atreladas aos afetos. Podemos utilizar a potência da empiria para ampliar as misturas, provocar afetos outros, entretanto, com acuidade pois as afecções virão e este é o momento que é preciso ter ideias claras e distintas, visando a beatitude da mente.

Conforme Rolnik (2014, p. 42), o cartógrafo passa por alguns momentos de anestesia da capacidade de afetar e ser afetado "o corpo se contrai e enrijece cada vez mais", ascensão de forças reativas. Caso isso ocorra, ele deve utilizar a regra de prudência quanto a reatividade das forças, pois estas podem desembocar numa destruição de si ou do outro. Para tanto, em nome da vida, o cartógrafo, segundo ela, deve ser absolutamente impiedoso. Ainda que tal atitude pareça rígida, faz-se necessária para que aquele mau encontro não lacere a potência de agir e de pensar, ou que nos faça permanecer servos de algo que somos causa parcial, o que nos provocaria padecimento.

Conforme Spinoza (2015, p. 139; p. 141), "[...] somos agitados pelas causas exteriores de muitas maneiras e que, como ondas do mar agitadas por ventos contrários, somos jogados de lado para o outro, ignorantes de nossa sorte e de nosso destino", pois em geral desconhecemos as causas de nossas ações e apetites, ou seja, porque estamos determinados a apetecer algo. Os esforços, impulsos, apetites e volições do homem, modificam-se conforme o

[8] Vale ressaltar que, "além da alegria e do desejo que são paixões, há outros afetos de alegria e de desejo que a nós estão relacionados à medida que agimos" (SPINOZA, 2015, p.138). A respeito destes afetos ações, trataremos mais à frente quando falaremos sobre ideias adequadas.

seu variável estado e, muitas vezes, "são a tal ponto opostos entre si que o homem é arrastado por todos os lados e não sabe para onde se dirigir".

A natureza divina tem infinitos atributos, e dela seguem infinitas coisas, de infinitas maneiras. "Um certo corpo é afetado de muitas maneiras"[9]. Entretanto, o indivíduo conserva a sua natureza. O indivíduo é composto de muitos corpos, ou seja, "o corpo humano compõe-se de muitos indivíduos (de natureza diferente), cada um dos quais é também altamente composto". Este corpo humano mistura-se a corpos exteriores de inúmeras formas e é por ele afetado também de inúmeras maneiras. Destas misturas surgem efeitos, as afecções. A estas afecções do corpo humano Spinoza chama de imagens, que correspondem as ideias que representam os corpos exteriores, dito de outra forma, é a imagem que a mente faz daquele corpo. Essa imaginação é uma potência – "potência de imaginar". Entretanto, quando a mente o faz, por vezes, considera como estando presentes coisas que não existem a não ser nessa representação mental. "A ideia de uma afecção qualquer do corpo humano não envolve o conhecimento adequado do corpo exterior". Quando o corpo humano é afetado, a mente percebe este corpo que o afetou, mas sem ter dele um conhecimento adequado, portanto imagina. "As afecções são modos pelos quais são afetadas as partes do corpo humano e, como consequência, o corpo inteiro". Essas afecções são "imagens das coisas no corpo", portanto "não envolve o conhecimento adequado de um corpo exterior", uma vez que, as ideias dessas afecções estejam referidas exclusivamente à mente humana. O conhecimento adequado desses corpos existe em Deus[10] (SPINOZA, 2015, p. 52; p. 66; p. 69; p. 73; p. 74; p. 216; p. 73).

Consoante Deleuze (2002, p. 55), as afecções são marcas corporais que constituem no corpo e espírito afetados certo estado que possui mais ou menos realidade do que o estado anterior. Nesse ínterim há transições, durações que relacionam estados precedentes e as induzem ao próximo estado. Tais durações ou variações são denominadas afetos. Ou seja, o afeto não se reduz à ideia ou à imagem; é experimentado numa duração vivenciada que engloba a diferença entre dois estados, este implica na transição de um estado a outro, resultando em variações da potência de agir. Já a afecção "remete a um estado do corpo afetado e implica a presença do corpo afetante".

---

[9] "Todas as maneiras pelas quais um corpo qualquer é afetado por outro seguem-se da natureza do corpo afetado e, ao mesmo tempo, da natureza do corpo que o afeta. Assim, um só e mesmo corpo, em razão da diferença de natureza dos corpos que o movem, é movido de diferentes maneiras, e, inversamente, corpos diferentes são movidos de diferentes maneiras por um só e mesmo corpo" (SPINOZA, 2015, p. 63).

[10] Spinoza (2015, p. 13) compreende por Deus "um ente absolutamente infinito, isto é, uma substância que consiste de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita".

Estas afecções podem ser passivas (de tristeza e de alegria), mas também ativas de alegria (derivadas do segundo ou do terceiro gênero do conhecimento). Uma afecção passiva é "o efeito de um corpo sobre o nosso", por isso se diz passiva, pois a ideia dessa afecção é uma paixão, ou um sentimento passivo que se explica pela potência da coisa exterior, nos separando de nossa potência de agir. Ainda que seja uma alegria-paixão, continuaremos impotentes até que nossa potência de agir aumente a um patamar que nos torne ativos (DELEUZE, 1968, p. 149).

Simultaneamente ao surgimento do afeto ocorrem essas modificações pela qual o corpo passa. "Um afeto é uma ideia de uma afecção do corpo". Quando o afeto é produzido, nossa potência de pensar ou de agir é aumentada ou diminuída, conforme a ideia da afecção. "Um afeto, enquanto está referido à mente, é uma ideia pela qual a mente afirma a força de existir, maior ou menor que antes, de seu corpo. [...] Assim, quando a mente é tomada de algum afeto, o corpo é, simultaneamente afetado de uma afecção" SPINOZA, 2015, p. 217; p. 162).

As ideias de uma afecção não exprimem a causa, quer dizer, a essência desse corpo exterior a nós, mas indica uma "imagem corporal, e a ideia de afecção, assim como ela se apresenta em nosso espírito, é uma ideia inadequada ou uma imaginação" (DELEUZE, 1968, p. 149).

Quanto mais conhecemos um afeto, quanto mais dele temos uma ideia clara e distinta, mais ele estará sob o nosso poder, e a mente padecerá menos. Se a mente conceber algo como necessário, ela padecerá menos, pois terá maior poder sobre os seus afetos. "[...] cada um regula tudo de acordo com o seu próprio afeto, e além disso, aqueles que são afligidos por afetos opostos não sabem o que querem, enquanto aqueles que não têm nenhum afeto são, pelo menor impulso, arrastados de um lado para outro". A estes últimos, Spinoza denomina "afetos contrários" (SPINOZA, 2015, p. 103; p. 158).

"Um afeto enquanto está referido à mente, não pode ser refreado nem anulado senão pela ideia de uma afecção do corpo contrária àquela da qual padecemos e mais forte que ela" (SPINOZA, 2015, p. 163). Por exemplo, nos momentos em que os caminhos da cartografia foram obstruídos, houve uma intensificação dos afetos, pois eles eram relativos a algo necessário, ou pelo menos que, imaginávamos ser necessário. Outra característica relativa à intensidade dos afetos sobre os homens, diz respeito à existência de determinada coisa presente. Quanto mais afastada está do tempo presente, mais branda é a força daquele afeto. Por este

motivo, tivemos acuidade para fazer os registros de campo concomitantemente à sua realização. Um caderno de notas e diário de campo[11] eram cotidianamente alimentados com as vivencias.

O afeto maior de todos é aquele "para com uma coisa formada a partir do que o homem acha que suas ações dependem exclusivamente da vontade, sem ter a mínima noção das causas dela e como ela move o corpo. Essa vontade é um esforço da mente, seja quando tem ideias adequadas ou inadequadas, por perseverar em seu ser a natureza desse ser. Esse esforço por se conservar é a essência da própria coisa. E a essência da razão é o esforço que a mente faz para compreender, ter ideias adequadas. "A essência da mente, isto é [...] a sua potência, consiste exclusivamente no pensamento" daí segue-se que "um afeto é mau ou nocivo apenas à medida que impede a mente de poder pensar". Tais afetos que são contrários à nossa natureza, impedem a mente. A potência "ou seja, o esforço pelo qual, quer sozinha, quer em conjunto com as outras, ela age ou se esforça por agir, isto é [...], a potência ou o esforço pelo qual ela se esforça por perseverar em seu ser nada mais é do que sua essência dada ou do atual" (SPINOZA, 2015, p. 220; p. 105).

Quando "não estamos tomados por afetos que são contrários à nossa natureza, a potência da mente [...] não está impedida. E por isso, durante esse tempo, ela tem o poder de formar ideias claras e distintas [...]" Disto decorre que podemos estabelecer conexões entre as afecções do corpo e o nosso intelecto (SPINOZA, 2015, p. 221).

> Portanto, o melhor que podemos fazer, enquanto não temos um conhecimento perfeito de nossos afetos, é conceber um princípio correto de viver, ou seja, regras seguras de vida, confiá-las à memória, e aplicá-las continuamente aos casos particulares que, com frequência, se apresentam na vida, para que nossa imaginação seja, assim, profundamente afetada por elas, de maneira que estejam sempre à nossa disposição (SPINOZA, 2015, p. 221).

Neste ponto, Spinoza (2015) convida-nos a construir pensamentos e imaginações a partir daquilo que as coisas tem de bom (ele chama de bom aquilo que nos afeta de alegria, sem em nenhum momento estabelecer padrões a respeito da dicotomia bom/mau)[12], para que ajamos segundo o afeto da alegria, um convite a dirigirmos nossas ações sob o comando da razão e de ideias adequadas.

[11] Alguns desses relatos, extraídos do diário de campo, aparecem nos capítulos, com um recuo diferenciado da disposição textual habitual e antes de sua exposição, trazemos breves informações ao leitor do contexto de tal explanação. No geral, são falas que remetem a nossas observações, impressões e sensações advindos da cartografia.
[12] Bom e mau são, de acordo com Deleuze (2002, p. 60) "os dois sentidos da variação da potência de agir: a diminuição desta potência (tristeza) é má, seu aumento (alegria) é bom". Portanto, estabelecemos uma relação bom/mau, útil/nocivo, pela alegria ou tristeza da qual estamos conscientes.

O esforço por perseverar, ou *conatus*, não implica falta alguma, ele é uma potência de agir. "[...] é o esforço para experimentar alegria, ampliar a potência de agir, imaginar e encontrar o que é a causa da alegria, o que mantém e favorece essa causa; mas é também esforço para exorcizar essa tristeza, imaginar e encontrar o que destrói a causa dessa tristeza" (DELEUZE, 2002, p. 107). Desta forma, esforçamo-nos para expandir nossa potência de agir ou para saborear paixões alegres.

Podemos dizer que a axiomática capitalística moldura subjetividades, ritmos, desejos, imputando-nos a falta. Todavia, o inconsciente protesta movimentando-se através de outras sensibilidades, percepções, formas de agir, irrompendo àquela produção.

> E ainda aí cabe-nos redescobrir uma forma de ser do ser, antes depois, aqui e em toda parte, sem ser entretanto idêntico a si mesmo; um ser processual, polifônico, singularizável, de texturas infinitamente complexificáveis, ao sabor das velocidades infinitas que animam suas composições virtuais (GUATTARI, 1992, p. 64).

"Ao invés de se abandonar ao horizonte de morte capitalístico, uma política de produção de vida é possível, não para repeti-la tal como era há cem ou dois mil anos, mas para produzir formas mutantes segundo ordenadas atualmente imprevisíveis" (GUATTARI, 1992, p. 87).

A potência de agir do corpo e a de pensar da mente carrega uma potencialidade criativa, assim como, nos dá força para operar processos de singularização. Na presente cartografia, observamos que, como plano de fundo, os afetos e afecções delinearam o grupo e território a ser acompanhado. Antes de delimitar o lócus da pesquisa, passeamos por outros lugares, por temas distantes e outras personagens singulares. Mas, o ímpeto de "estar com" veio com os afetos alegres advindos da planação inicial neste lugar do qual narramos. Com o pousar, as idas, vindas, retornos, contornos, subidas, descidas, houve transição de afetos, cuja modificação entristeceram-nos, alegraram-nos apaixonadamente e também ativamente.

Destarte, cabe-nos ser diligentes nas misturas que fazemos, nos encontros que propiciamos, haja vista que, uma vez afetado por determinada circunstância, há de se passar por um aperfeiçoamento do intelecto para refrear tais afetos, caso eles estejam diminuindo nossa potência. Isso não se faz com fórmulas, nem com modelos pré-estabelecidos. À medida que entramos em movimento, que somos afetados de diferentes maneiras, que nos agenciamos a mais e mais corpos, que variados acontecimentos se efetuam, há necessidade de engendrarmos novas maneiras de ser, de estabelecermos novos universos de referência, outros espaços-tempo.

A seguir, uma pequena extração do diário de campo referente ao dia do reinício de atividades da Brinquedoteca:

> Nesses primeiros dias, tenho sido bem recebida pelo grupo, inclusive, hoje foi um dia especial, no qual, me senti cuidada. Devido a gestação tem sempre alguém me oferecendo cadeira para sentar, o último copo de sorvete que sobrou após as crianças se alimentarem, ou falando para eu ter cuidado ao subir e descer as escadas e para não voltar à pé para casa. Pequenos gestos que aumentam a vontade de estar com o grupo. Afetos alegres, uns paixão, resultantes do apreço demonstrado ao filho que gesto; outros, ativos, pelo desabrochar de ações em prol do ambiente habitado. A alegria deve-se muito ao saber do acolhimento. Hoje, por exemplo, fiquei feliz ao acompanhar a criatividade e rompimento, por parte das crianças, do controle e enunciados de ordem.
>
> [...]
>
> Havia sido proposta uma atividade para as crianças executarem... Sentei-me e fiquei observando (a gente sempre é observado também!). Depois de um tempo, notei um contato suave e uma vozinha doce me tocarem pele e ouvidos: *"tia, o que vocês 'tão' fazendo?"*. Olhei para o lado e vi uma garotinha de olhar terno. Expliquei-a a atividade e ela se pôs a fazer.
>
> [...]
>
> Quando saí de casa, mais cedo, o sol estava quente, mais tão quente, que meu rosto ardia. Eu vestia blusa de mangas compridas e calça, para proteger-me dos mosquitos. Esperei o ônibus por bastante tempo, o primeiro que passou não parou, mais tempo de espera... Cheguei à Brinquedoteca desanimada por essas circunstancias, porém, ao sair de lá, eu estava feliz, eufórica, com os encontros vividos, com a experiência vivenciada.

De acordo com Spinoza (2015), ao enunciarmos que estamos felizes ou infelizes estamos nos referindo às variações, pelas quais o ânimo passa, continuamente, para melhor ou para pior. "Há tantas espécies de alegria, de tristeza e de desejo e, consequentemente, tantas espécies de cada um dos afetos que desses são compostos [...] ou derivados [...], quantas são as espécies de objetos pelos quais somos afetados" (SPINOZA, 2015, p. 136).

A alegria e a tristeza, bem como os afetos que deles derivam, são paixões, desde que o homem não conceba adequadamente a si. O afeto denominado paixão é uma ideia confusa pela qual a potência de pensar expande-se ou se contrai, pois a mente formará uma ideia que expressa mais ou menos realidade do que anteriormente expressava a respeito de seu corpo. Essas paixões pela qual a mente passa explicam os afetos de alegria e de tristeza. Spinoza (2015) chama de alegria a paixão pela qual a mente passa[13] a uma perfeição maior, e de tristeza, a paixão pela qual a mente passa a uma perfeição menor.

Consoante Deleuze (2002, p. 57), os afetos paixões são provenientes "dos encontros exteriores com outros modos existentes, eles explicam-se pela natureza do corpo afetante e pela ideia necessariamente inadequada desse corpo, imagem confusa envolvida no nosso estado". Tais modos existentes são compostos "de partes extensivas que são determinadas e afetadas do exterior ao infinito", por isso que, mesmo que consiga produzir afecções ativas, não será capaz de erradicar as paixões, poderá, no máximo, fazer com que elas ocupem uma pequena parte dele próprio (DELEUZE, 1968, p. 148)

Quando uma das partes do homem é mais afetada do que as demais, de alegria ou de tristeza, Spinoza denomina, respectivamente, excitação e dor. Contentamento e melancolia, ocorrem quando todas as partes do homem são igualmente afetadas de alegria e tristeza, respectivamente. No contentamento "a potência de agir do corpo é aumentada ou estimulada de tal maneira que todas as suas partes adquirem, entre si, a mesma proporção entre movimento e repouso". Enquanto que na melancolia essa potência é totalmente diminuída ou refreada. Vale ressaltar que a tristeza é, sempre, uma paixão (SPINOZA, 2015, p. 184).

Portanto, alegria e tristeza – enquanto paixões que nos afetam – aumentam ou diminuem, estimulam ou refreiam, nosso esforço por perseverar em nosso ser. Esse esforço é o que Spinoza (2015), chama de apetite ou desejo quando este refere-se à mente e corpo simultaneamente. "Portanto, a alegria e a tristeza são o próprio desejo ou o apetite, enquanto ele é aumentado ou diminuído, estimulado ou refreado por causas exteriores". "A alegria só é má à medida que impede que o homem seja capaz de agir". Se o homem experimentasse uma alegria ativa, ou seja, uma alegria que não é uma paixão, mas que advém da razão, ele passaria a uma perfeição a tal ponto de conceber adequadamente a si próprio e as suas ações. Uma alegria que é uma paixão poderá deixar de sê-la desde que formemos uma ideia adequada deste afeto (SPINOZA, 2015, p. 138; p. 95). A alegria que é uma ação, um afeto ativo, é originada de uma

[13] Essa passagem diz respeito ao aumento ou diminuição da potência de agir.

ideia clara, que exprime a essência do corpo afetante, a nossa e a de Deus (terceiro gênero do conhecimento).

Todas as coisas causam algum efeito, todos os encontros deixam marcas. Para que, dos afetos oriundos destes, não se formem desejos excessivos, ou para que não haja uma vinculação do afeto à imagem da causa exterior, a ideia dessa afecção deve envolver um conceito claro e distinto, ou seja, aquilo que Spinoza (2015) chama de ideia adequada.

A potência da mente é a de pensar e formar ideias adequadas. Os desejos que suscitam destas ideias são considerados virtudes. A mente percebe mais adequadamente as coisas à proporção que tem em comum, com estas, propriedades comuns. "Quando dizemos que uma ideia se segue, na mente humana, de ideias que nela são adequadas não dizemos senão que [...] existe, no próprio intelecto divino, uma ideia da qual Deus é a causa [...] enquanto constitui unicamente a essência da mente humana" (SPINOZA, 2015, p. 79 e 80).

As ideias que temos são aquelas que representam o que acontece ao nosso corpo. As ideias inadequadas refletem a mistura de dois corpos, ou seja, o efeito de outro corpo sobre o nosso. Enquanto que as ideias adequadas representam não aquilo que nos acontece ou os estados de coisas, mas aquilo que somos e aquilo que as coisas são, formando "um conjunto sistemático com três vértices, ideias de nós mesmos, ideias de Deus, ideias das outras coisas (terceiro gênero de conhecimento)" (DELEUZE, 2002, p. 84).

As ideias que são adequadas pertencem ao conhecimento de segundo e terceiro gênero (a razão e a ciência intuitiva, respectivamente), sendo verdadeira, por ser adequada e perfeita **em nós**. Quanto mais a mente conhece por meio desses gêneros de conhecimento, menos ela padece dos afetos contrários à sua natureza. Em virtude da razão, nos esforçamos em compreender. As coisas que não conduzem à compreensão não são boas para si. Este é o momento no qual o homem age de acordo com as leis da natureza, fazendo por onde não ser afetado nem afetar afetos de ódio, mas vivendo com amor e generosidade (SPINOZA, 2015).

Quanto mais elementos em comum nosso corpo tiver com os demais, mais adequadamente a mente será capaz de compreender. "O afeto que provém da razão está necessariamente referido às propriedades comuns das coisas", pois temos "noções comuns e ideias adequadas das propriedades das coisas". "Todos os corpos estão em concordância quanto a certos elementos, os quais [...] devem ser percebidos por todos adequadamente, ou seja, clara e distintamente" (SPINOZA, 2015, p. 81; p. 79).

Para que haja composição entre corpos, há algo de comum entre eles. São essas noções comuns que nos conduzem a formar ideias adequadas. Deleuze (2002) chama de

composição quando a potência de agir aumenta e decomposição quando ela diminui. Como dito anteriormente, eles são variações de um mesmo atributo e substância. Partindo desse conhecimento de segundo gênero, a mente conhece as causas reais dos afetos, o que há de comum entre os corpos. Como "o afeto que provém da razão é o mais potente" (SPINOZA, 2015, p. 220), dele advém afetos afirmativos.

> Por meio desse poder de ordenar e concatenar corretamente as afecções do corpo, podemos fazer com que não sejamos facilmente afetados por maus afetos. [...] requer-se, para refrear os afetos ordenados e concatenados segundo a ordem própria do intelecto, uma força maior do que a requerida para refrear os afetos imprecisos e erráticos (SPINOZA, 2015, p. 221).

O homem que buscar a liberdade dirigindo seus atos a partir conhecimento de segundo gênero, esforçar-se-á por conhecer as virtudes e suas causas, dissociando afeto e imagens. O gáudio é um dos afetos que demonstram isto, por mostrar a abstenção do homem do ressentimento e das falsas ilusões do poder que o dão uma efêmera noção de liberdade.

Segundo Deleuze (1968), a razão tem como aspecto selecionar afecções passivas e extinguir as tristezas, arranjar encontros e compor relações, acrescer a potência de agir e experimentar o máximo de alegrias.

Infelizmente, "os homens são movidos mais pela opinião do que pela razão". A perseverança de uma paixão deve-se à potência da causa exterior superar a potência do homem. Então, ele submete-se às paixões, adapta-se à natureza das coisas. O homem adapta-se ao invés de adaptá-las ao seu uso, pois, a potência humana é muito "limitada, sendo infinitamente superada pela potência das causas exteriores". Cientes de que agimos como era possível, de que fazemos parte da natureza inteira e que seguimos sua ordem, estaremos satisfeitos diante dos acontecimentos contrários, faremos por onde perseverar nessa satisfação consigo. "A satisfação consigo mesmo é uma alegria que surge porque o homem considera a si próprio e a sua potência de agir" (SPINOZA, 2015, p. 167; p. 210; p. 146).

Agir é conservar o próprio ser sob a condução da razão, buscando aquilo que é útil para si. Isso corresponde a agir por virtude. "Por virtude e potência compreendo a mesma coisa [...] é a [...] própria essência ou natureza [do homem], à medida que ele tem o poder de realizar coisas que podem ser compreendidas exclusivamente por meio das leis de sua natureza" (SPINOZA, 2015, p. 159). Disto se segue que, agimos por meio do intelecto (parte eterna da mente). Quanto mais agimos, mais temos perfeição, ou seja, mais temos realidade, pois ocorre algo, em nós ou fora de nós, do qual somos causa adequada, aquela cujo efeito pode ser clara e distintamente compreendido pela própria causa.

Devemos buscar o que nos é útil, compor com aqueles que nos tornarão mais potentes, fugir daquilo que, sendo exterior a nós, nos torne o ânimo impotente.

"Do terceiro gênero de conhecimento provém a maior satisfação que pode existir", pois este conhecimento propicia conhecer a Deus e isto afeta ao homem de suprema alegria, ou seja, permite-lhe conhecer a essência do corpo e mente; torna-o capaz de estar consciente de si próprio e de Deus. O afeto advindo aqui não é fruto da imaginação, mas da perfeição da qual a mente está dotada (beatitude da mente)[14]. "Este gênero de conhecimento parte da ideia adequada da essência formal de certos atributos de Deus para chegar ao conhecimento adequado da essência das coisas" (SPINOZA, 2015, p. 235; p 82).

Quanto à como emanar para aperfeiçoar o intelecto e o corpo, são assuntos que Spinoza (2015) não aborda, por dizerem respeito, segundo ele, à medicina e à lógica. Sobretudo deixou-nos a par da potência da mente em refrear os afetos e do caminho que conduz à verdadeira liberdade. Por sermos uma parte da natureza, toda vez que estamos contrários a esta, e, considerando que a potência das causas exteriores é bem maior que a nossa, não escapamos ilesos dos encontros padecidos, entretanto essas afecções nos dão oportunidade para remanejarmos nossos universos de referência, rebuscarmos o intelecto e vivermos de forma ética. Este aprimoramento requer prática e parece árduo, mas, é passível de acontecer.

Quando a mente age, por conceber ideias adequadas, ela se alegra; e, aumenta seu esforço por perseverar em seu ser. Desta forma, o desejo também está relacionado ao homem ao passo que ele age. "O desejo é a própria essência do homem, enquanto esta é concebida como determinada, em virtude de uma dada afecção qualquer de si própria, a agir de alguma maneira". A definição de desejo, dada pelo referido filósofo, abrange todos os esforços oriundos da natureza humana (apetite, vontade, volição, desejo ou impulso)[15] desde que a mente esteja consciente deles. Estes esforços variam e algumas vezes podem ser opostos arrastando o homem, sacudindo-o a tal ponto que ele perca a noção para onde seguir. O desejo que advém da razão (aquele gerado no homem quando ele age), "é a própria essência ou natureza do homem, à medida que é concebida como determinada a fazer aquilo que se concebe adequadamente, em virtude da essência do homem" (SPINOZA, 2015, p. 140; p.196).

Quanto maior for a alegria ou a tristeza, tanto maior será o desejo por conservá-la, ou por afastá-la, respectivamente. O mesmo vale para demais afetos. Pois, "[...] O desejo é tanto

[14] Segundo Deleuze (2002), a beatitude é uma alegria ativa, eterna, não implica mais transição ou passagem, há uma plena posse da potência de agir.

[15] O termo vontade é utilizado na Spinoza quando ele refere-se ao esforço da mente; apetite, quando refere-se ao mesmo tempo à mente e ao corpo. Apetite é "aquilo por cuja causa fazemos alguma coisa" (SPINOZA, 2015, p. 159).

maior quanto maior é o afeto do qual ele surge". O desejo oriundo da alegria é mais forte que aquele que deriva da tristeza, já que, o desejo é potencializado pela própria alegria, enquanto que a tristeza refreia a força do desejo, que, sobrevive mediante e, exclusivamente, pela potência humana. (SPINOZA, 2015, p. 185).

As ações ou desejos que são definidos pela razão são aqueles que se seguem da nossa natureza, podendo ser compreendidos exclusivamente por meio dela. Os desejos que são paixões são definidos por ideias inadequadas e sua força e potência advém de corpos exteriores; estas paixões podem ser boas ou más. "O desejo que surge de uma alegria ou de uma tristeza que está relacionada a uma só parte do corpo, ou a várias, mas não a todas, não leva em consideração a utilidade do homem como um todo". Por outro lado, "o desejo que surge da razão [...] é a própria essência ou natureza do homem à medida que é concebida como determinada a fazer aquilo que se concebe adequadamente, em virtude apenas da essência do homem" (SPINOZA, 2015, p. 196).

De acordo com Spinoza (2015), se uma paixão resultar em tristeza, a potência de agir do homem será refreada ou diminuída, por isto ele passa a uma "perfeição menor". Por outro lado, ao alegrar-se, passa a uma "perfeição maior". É importante salientar que para Spinoza não existe a perfeição, enquanto padrão ou modelo universal a ser seguido. O homem designa por perfeito ou imperfeito aquilo que se enquadra ou não num ideal fomentado por ele ou por máquinas que nos injetam subjetividades.

As ações e paixões, assim como os estados de coisas, são determinados pelas misturas que, por sua vez, decorrem dos encontros entre os corpos. Dessas misturas corporais, sejam resultantes de encontros de corpos agentes ou pacientes, surgem efeitos incorporais, acontecimentos que não são um ser, mas uma maneira de ser, extra-ser. Nas palavras de Deleuze (2007, p. 6): "De um lado o ser profundo e real, a força, de outro, o plano dos fatos, que se produzem na superfície do ser [...]".

Spinoza (2015, p. 98), seguindo a linha de pensamento estoica, considera as ações e apetites do homem "como se fossem uma questão de linhas, de superfícies ou de corpos". Os estoicos, de acordo com Deleuze (2007) fizeram esta célebre distinção entre corpos e incorporais, resultando em todo um deslocamento da reflexão da relação causal. Por consequência, podemos dizer que de um lado se encontram as ações e paixões, de outro os acontecimentos.

Por que tal ponderação nos interessa? Porque isso muda toda a forma de olhar, de analisar, de pensar, de tatear, de cartografar: seguir desatando os nós, percorrendo as

superfícies, deslizando de um lado para o outro, considerando não mais substantivos e adjetivos, mas verbos no infinitivo ou no gerúndio. Cada vez que uma força, um afeto nos corta, nos atravessa, é o grande momento de erguer acontecimentos, de erigir novas maneiras de ser e de estar, mas sem a pretensão de imputar qualquer fixidez nesse ser.

4 OUSADA*MENTE* TATEANDO EFEITOS DE SUPERFÍCIE E MISTURAS QUE ADVÉM DOS ENCONTROS

4.1 Esticando, planando, habitando

A presente cartografia foi delineada com muitos vaivéns, movimentos em busca de um lócus de pesquisa, em busca por pessoas com quem compor o tracejo, ou, em outras palavras, territórios nos quais a cartógrafa fosse aceita e pessoas que quisessem participar da pesquisa. Vale ressaltar que, a maior parte desta cartografia, foi traçada em uma Brinquedoteca que funciona na comunidade do Gesso, em Crato-CE.

Consideramos que outros movimentos realizados até chegarmos a este lócus também compõem a cartografia delineada, pois a observação assistemática de outras vivências e territórios, bem como a recusa por parte de algumas pessoas em participarem da pesquisa, são componentes da atual construção. A disposição por realizarmos uma cartografia era o ponto central desse trabalho, os demais delineamentos – tais como: problema, objetivos, delimitação do tema – eram concebidos como estando em processo, cabia-nos estar abertos às forças que pediam passagem.

Chegamos à Brinquedoteca através da aproximação a outro território, o Coletivo Camaradas, no qual a Brinquedoteca é uma das iniciativas criadas. Após participarmos de algumas ações e reuniões do grupo, fomos percebendo sua estrutura interna, atividades desenvolvidas e optamos por realizar nesse espaço a cartografia. Nesse início de visitas, as atividades da Brinquedoteca estavam reiniciando, então passamos a participar assiduamente desta. Paralelamente, frequentávamos outras ações desenvolvidas pelo Coletivo, entretanto, essa nos afetou mais intensamente.

Na Brinquedoteca atuam brinquedistas de forma voluntária. Alguns chegaram ao Coletivo através desta, de forma que, atualmente, todos os entrevistados, participam também de outras atividades promovidas pelo grupo. Há por parte dos membros a insistência em não se fazer separação entre o Coletivo e a Brinquedoteca, pois esta última é uma das iniciativas implementadas pelo Coletivo, ou seja, faz parte daquela instituição. Inclusive, o surgimento da Brinquedoteca se deu, de acordo com seus membros, devido a aderência das crianças às oficinas de pintura, de máscaras, de recortes, de desenho, às apresentações circenses e brincadeiras populares (como peão, pipa, bola e corda) que o grupo realizava naquela comunidade. Por volta de 2014, decidiram alugar um espaço, na própria comunidade, que servisse de sede para as

atividades do grupo. A partir disso, foi desenvolvida a ideia de uma atividade efetiva com as crianças, que veio a ser a Brinquedoteca.

O Coletivo Camaradas atua enquanto organização política, pautando-se na concepção do materialismo histórico, no método dialético, em prol da "reflexão, produção e circulação estética-artística com e para as camadas populares, na defesa de políticas públicas e na democratização do saber, bem como em processos de articulação política juntos aos movimentos sociais" (LUCAS, p. 1, 2016). Desta forma, a Brinquedoteca seria um ferramental para disseminação deste modo de pensamento dentro da comunidade, objetivando a formação política das crianças e demais habitantes do entorno. Segundo um(a) dos(das) integrantes, a Brinquedoteca:

> *"[...] é a escolinha de formação política, é a escolinha que possibilita criar e potencializar o protagonismo infantil, não é qualquer Brinquedoteca, não é um espaço 'pra' brincar, somente, mas é um espaço 'pra' brincar que tem uma proposta, ou deve ter uma proposta pedagógica que possibilite uma nova prática social".*

Segundo esta pessoa, aquele é um espaço para brincar que possui uma proposta pedagógica que possibilita uma nova prática social, onde se

> *"possa mediar situações vivenciais, que possa mediar possibilidades de ampliação da visão social de mundo, que possa criar uma nova perspectiva nas relações comunitárias, então, nessa Brinquedoteca, o lúdico, ele ganha um papel político [...]".*

Conforme os membros, esse direcionamento político norteia o processo metodológico de desenvolvimento das atividades da Brinquedoteca, que ocorrem sem promover consumismo, competição, individualismo, relações opressoras de gênero. Por exemplo, não ocorre afirmação de representações do tipo: rosa ser uma cor para as meninas ou, bola ser um brinquedo para os meninos.

O lançamento da Brinquedoteca ocorreu em 12 de outubro de 2014 (no qual é comemorado o dia das crianças no Brasil). A periodicidade das atividades é de uma vez por semana, entretanto, o grupo muitas vezes realiza outras ações semanais, ficando a sede aberta

e recebendo as crianças que chegam para brincar e participar de tais realizações. Como a Brinquedoteca funciona no mesmo espaço dedicado à sede do Coletivo Camaradas, as atividades misturam-se e não há impedimento da participação das crianças nos demais feitos. Apesar de a Brinquedoteca acatar crianças com idade entre quatro e doze anos, aquelas que estão fora desta faixa etária não são impedidas de integrarem-se ao grupo. Os brincantes atuam de forma voluntária e o acesso por parte das crianças é gratuito, bastando que os pais ou responsáveis façam o cadastro das mesmas. De acordo com um(a) brincante:

> "*[...] um dos principais objetivos da brinquedoteca, de início, seria usar desse instrumento uma estratégia de dialogar com a comunidade do Gesso a partir da interação com as crianças. Os resultados esperados a partir desse envolvimento entre os camaradas*[16] *e os moradores, seria a organização comunitária, bem como a ampliação da visão de mundo destas pessoas a partir do nosso lema 'arte com e para o povo"*".

Sobre este enunciado "arte com e para o povo", foi explicado que refere-se ao que o grupo denomina de tripé pedagógico do ensino de artes, que baseia-se na formação política a partir de atividades lúdicas:

> "*[...] a gente criou uma coisa que nós chamamos de tripé pedagógico do ensino de artes que é algo que a gente tenta também aplicar em algumas ações, que é baseado no estudo contextualizado, como: a arte não se explica a partir da arte, mas se explica a partir de seu contexto [...]; a vivencia enquanto possibilidade de aproximação desse elo entre artista, obra e público, conhecer os espaços, conhecer as pessoas, conhecer outras falas, conhecer o diferente, causar estranhamento, possibilitar fruições; e, o outro é a experimentação enquanto processo*

[16] A designação camarada se dá pela natureza partidária esquerda-marxista que o grupo desenvolve. Em uma das entrevistas, foi dito: *"e a palavra que a gente mais usa lá, é a própria palavra camarada, porque a gente sempre tenta passar 'pras' crianças que elas têm que se ajudar, [...] fazerem as coisas coletivamente, um ajudando o outro".*

> *de criar relações de identidade, de pertencimento e empoderamento social*[17]".

Ainda quanto a aplicação do tripé pedagógico na Brinquedoteca, um(a) brinquedista disse que este seria uma forma de propiciar às crianças que frequentam aquele espaço, que

> *"tenham a capacidade de a partir do lúdico, a partir da conversa, a partir das reflexões, ampliar a sua visão social de mundo pra possibilitar uma nova prática social*".

A exemplo da implementação de atividades que visem formação política, podemos citar uma oficina de identidade e estética negra, que acompanhamos, na qual haveria dentre outras ações, amarração de turbantes dirigida às crianças da Brinquedoteca. Boa parte das crianças ali presentes possuía cabelo crespo ou cacheado, e sabemos existir todo um envolvimento de alguns movimentos progressistas e até das empresas de cosméticos – estas últimas vislumbram atingir um novo nicho de mercado, com lançamento de produtos para transição capilar – de reverberarem a importância de a pessoa de cabelo crespo ou cacheado adotar a textura natural dos seus cabelos, fugindo ao padrão estético de cabelo liso, injetado pela subjetividade capitalística, conseguido através de tecnologias artificiais nesses casos.

As produções subjetivas das identidades aliam-se "muito bem aos negócios das sociedades capitalísticas", algo como que uma "recomposição de determinada subjetividade [...] em reação à subjetividade dominante" (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p. 72).

Durante a oficina, meninos e meninas tocavam seus próprios cabelos, sentiam a textura, alguns relatavam aceitar seu cabelo natural. Foi um momento de afirmação de vida. As crianças estavam atenciosas, observando a oficineira ensinar a amarração dos turbantes, e o fizeram, posteriormente, com desenvoltura. Disputavam tecidos e cabeças para reproduzirem o que fora aprendido. Ao final, tiraram fotos, estavam sorridentes... Foi uma tarde de cooperação entre as crianças, elas não entraram em conflito, algo que acontece costumeiramente.

A questão que levantamos aqui não é a de qual aspecto o cabelo deve ter, mas a de que sob o discurso da identidade, um novo molde se instaura como "o ideal". Sabemos que sob a ótica da identidade, jaz um outro tipo de subjetividade, também de fixidez do ser, ou seja,

[17] Quanto ao empoderamento referido, outro membro disse tratar-se de ações que visem tornar as crianças *"autoras de sua própria história, que elas busquem novos conhecimentos, através da brincadeira, através do lúdico".*

estabelecimento de mais um modelo a ser seguido. E, o problema em se criar relações desse tipo, é o engessamento do processo de singularização que este pode desencadear.

Os indivíduos têm potência para agir, a criatividade mostra isso; Eles não precisam de informações de um modelo ideal para criarem ou tornarem-se algo/alguém a partir disto, pois isto não seria cri*ação* e sim *re*cri*ação*, o que sugere uma postura reacionária, passiva.

A subjetividade "é essencialmente social e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares". Segundo Guattari há dois modos de os indivíduos viverem essa subjetividade: "uma relação de alienação e opressão na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e de criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes de subjetividade[18]" (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p. 33). Esse segundo modo produz o processo de singularização, que supera a visão dialética dos antagonismos sociais aos campos econômicos e políticos.

A maneira de perceber o mundo vai ser definida pelas máquinas de controle social e instâncias psíquicas (também partes dessa produção subjetiva). Assim, os modos de representação forjados pelo "sistema de significação dominante" modelam a percepção dos indivíduos, suas significações, utilizando a linguagem, família e demais equipamentos para isso (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p. 27).

Segundo Guattari, o nome próprio do indivíduo[19] sempre se reencontra nos diferentes componentes de subjetivação, "mas a produção da fala, das imagens, da sensibilidade, a produção do desejo não se cola absolutamente a essa representação do indivíduo" (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p. 32).

"– E se não se corrigir já e já, eu a atiro para a Casa do Espelho. Quer isso?" (CARROL, 2012, p.12). Esta é a fala ameaçadora de Alice para sua gatinha Mimi, caso a gata continue com a teimosia de não seguir o modelo da Rainha Vermelha que lhe foi atribuído por Alice. Aqueles que ousam sair dos modelos estabelecidos pelo sistema dominante geralmente são excluídos, punidos ou culpabilizados. A modelização é a produção fundamental do

[18] "Tem vez que eu fico pensando, mas eu não sou um robô sanguíneo, eu não sou um robô" (SOUZA e PRADO, 2013, p. 40).

[19] As identidades fixas também aparecem em Lógica do Sentido (2007), quando Deleuze apresenta a identidade infinita como paradoxo do puro devir. O devir avança em dois sentidos ao mesmo tempo, passado/futuro, maior/menor, véspera/amanhã, demasiado/insuficiente, etc. O nome próprio seria garantido pela permanência de um saber, entretanto, na linguagem dos acontecimentos, "toda identidade se perde para o eu, o mundo e Deus", pois não se fala por substantivos e adjetivos, mas por "verbos do puro devir". O que Deleuze está dizendo é que "a incerteza pessoal não é uma dúvida exterior ao que se passa, mas uma estrutura objetiva do próprio acontecimento" (DELEUZE, 2007, p. 3). Variamos no acontecimento, experimentamos outros modos de ser. Nesse ponto, seria inútil querer sustentar qualquer perfil identitário.

Capitalismo Mundial Integrado. “Modelização que diz respeito aos comportamentos, à sensibilidade, à percepção, à memória, às relações sociais, às relações sexuais, aos fantasmas imaginários, etc” (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p. 28).

A problemática micropolítica está situada nesse nível da produção de subjetividades; refere-se aos modos de expressão semióticos; incide “nos pontos de singularidade, em processos de singularização que são as próprias raízes produtoras da subjetividade em sua pluralidade” (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p. 28).

Guattari utiliza o termo produção de subjetividade justamente pela natureza maquínica desta, por ser fabricada, recebida e consumida. Nesse processo de produção subjetiva as representações são injetadas. As mutações advindas dessa subjetividade atuam na maneira do indivíduo perceber o mundo, em seu modo de se articular nas relações interpessoais, no trabalho e na ordem social. A produção de sentido e os processos de subjetivação “implicam o funcionamento de máquinas de expressão” extrapessoais e infrapessoais. “A subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação”, desta forma, esta não deve ser centralizada no indivíduo, pois não diz respeito a uma entidade individuada, devido ser “fabricada e modelada no registro social”. A noção de indivíduo não abarca a visão ampla da subjetividade que Guattari propõe, por isso só depois dessa definição, de agenciamentos coletivos de enunciação, é que seria pertinente considerar os modos de individuação da subjetividade, mas enquanto casos particulares. Pois, individuação não é singularização. São processos distintos. Os primeiros podem ser biológicos, de divisão sexual, nas relações sócio-econômicas, são integralizadores e normalizadores. O segundo se dá no nível do objeto do desejo, nos processos de responsabilização social, de culpabilização e de entrada na lei dominante, por exemplo, são casos em que “os processos de singularização portadores de vetores de desejo encontr[am] processos de individuação” (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p. 31; p. 37).

Sobre o processo de culpabilização, citado acima, é uma das funções da subjetividade capitalística que atua como instrumento de controle e coerção social. Culpar e deixar o outro envergonhado têm a função de manter a ordem social excludente (SAWAIA, 2007).

Os procedimentos de culpabilização são produzidos pelos sistemas de modelização. Para lidar com isto, deve-se passar “por procedimentos micropolíticos, pela instauração de dispositivos particulares que dissolvam esses elementos de culpabilização dos valores capitalísticos”. As engrenagens da culpabilização funcionam através da criação de “uma

imagem de referência a partir da qual colocam-se questões do tipo se o indivíduo se enquadra naquele modelo" (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p. 41; p. 40).

Caso não haja compatibilização com o modelo, por questões diversas, aquela pessoa passa por outra função da economia subjetiva capitalística, vinculada à subjetivação, que é a segregação. Essa função, também manipuladora por meio de uma imagem de referência, segrega para manter a ordem social por meio de hierarquias e disciplinarização (GUATTARI e ROLNIK, 1996).

Outra função da economia subjetiva capitalística, vinculada à subjetivação, é a infantilização: "pensam por nós, organizam por nós a produção e a vida social". O Estado é uma dessas máquinas que operam a favor da infantilização. Este atua como provedor, instalando uma relação de dependência com os demais entes do campo social. O Estado, a serviço do capital, juntamente com outras máquinas capitalísticas tendem "a bloquear processos de singularização e instaurar processos de individualização" ao mesmo tempo nos indivíduos. Os homens deixam de referenciar-se por suas experiências e se serializam em padrões universais, como as práticas identitárias, por exemplo. Concomitantemente se insensibilizam e se individualizam (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p. 41; p. 38).

De acordo com Spinoza (2015) cada um chama de perfeito aquilo que está consoante sua própria ideia universal formada para coisas semelhantes e de imperfeito aquilo que está fora do padrão que criou como modelo. Por exemplo, os conceitos de bom e de mal são estabelecidos por nós tomando por base aquilo que nos aproxima ou nos impede de atingirmos tais moldes. Durante a serialização a padrões hegemônicos, tendemos a defender alguns ideais, que nos foram repassados, por negligenciarmos as causas daquilo que apetecemos. Desta forma, "O ser, por mais longe que se busque sua essência, resulta de sistemas de modelização operando tanto no nível da alma quanto do *socius* ou do cosmos" (GUATTARI, 1992, p. 71).

A identidade não é a essência, pois a essência é o corpo. E o corpo é uma potência, cuja potência é produzir acontecimentos, que geram diferenças, que fogem das serializações.

"A identidade é um conceito de referenciação, de circunscrição da realidade a quadros de referência [...]. Em outras palavras, a identidade é aquilo que faz passar a singularidade de diferentes maneiras de existir por um só e mesmo quadro de referência identificável" (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p. 68 - 69).

> Assim, poderíamos dizer que *toda vez que uma problemática de identidade ou de reconhecimento aparece em determinado lugar, no mínimo estamos diante de uma*

> *ameaça de bloqueio e de paralisação do processo.* É dentro dessa lógica — que pode parecer um tanto paradoxal — que dá para se conceber a existência não de um programa comum, de uma frente, de uma unificação, mas de vias de passagem, vias de comunicação inconsciente entre a questão negra, a questão feminina, entre devires criança e devires poéticos. Devires que permeiam, literalmente, esses diferentes modos de subjetivação (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p. 74).

A identidade está categorizada num determinado modo de representação. O *devir criança* exposto na citação acima, diz respeito a uma posição ofensiva na luta das minorias, que conecta-se e se entrelaça à singularização da problemática de outras dimensões (literatura, infância etc), com outros devires (negro, homossexual, mulher, de línguas menores, cósmico) (GUATTARI e ROLNIK, 1996).

Portanto, a questão que Guattari (GUATTARI e ROLNIK, 1996) coloca-nos é retomar de modo singular nossa vida, podermos ser nós mesmos, ainda que a subjetividade dominante tente capturar esse modo de vida, seja com postulados tais como a identidade ou outros.

Traremos abaixo um trecho extraído do diário de campo sobre uma das vivências na Brinquedoteca:

> Agir, agir, agir, agir... Um canto uníssono pairava em meus pensamentos... A reatividade não era bem-vinda. Muito mais do que o choque com o inusitado, foi o choque com o que a reatividade provocou nesta tarde de reabertura das atividades com as crianças. Eis o que aconteceu: As atividades estavam interrompidas, pois os(as) brincantes estavam repensando algumas questões relativas ao andamento da Brinquedoteca. Passado algum tempo, voltaram com as atividades: lanches, brincadeiras, tarefas dirigidas, disposição, boa vontade, alegria nos reencontros.
>
> Eram mais de vinte crianças, pouco material para colorir: quatro caixas de papelão, nas quais deveriam ser pintadas rostos em cada lado, ou seja, um rosto em cada um dos quatro lados da caixa. As crianças logo demarcaram território, sentaram-se às mesas e dividiram-se em equipes; cada criança pintaria um lado, algumas aceitavam dividir sua parte, outras queriam apenas para si seu ¼ de caixa. Os(as) brincantes observavam, mediavam conflitos, serviam sorvete, e ordenavam os passos a serem seguidos para confecção dos rostos nos dispositivos.
>
> Começaram a surgir conflitos de interesse entre o objetivo da atividade e a criatividade das crianças. Por vezes as crianças eram repreendidas a desenharem o que havia sido proposto, mas elas faziam sua própria arte. O controle tentando

descodificar os fluxos de intensidade e as crianças não se deixando subjetivar pelas ordens; elas inventam novas formas de se relacionarem com o que é proposto a partir daqueles dispositivos de que dispõem[20]. Por fim, os desenhos foram diversos, e praticamente não haviam rostos desenhados (até porque já bastam os rostos que nos são imputados[21]!).

Como era de se esperar, num trabalho feito com tinta guache, há respingos, e muita gente fica suja. Basta um gesto rude e inesperado, para ter alguém ao lado, melado e insatisfeito, e, por vezes, um terceiro para 'pôr lenha na fogueira'.

Depois de algumas mediações de conflitos, os(as) brincantes foram perdendo o controle do andamento da atividade, e, de repente, de um simples desentendimento entre poucas crianças, iniciou-se uma discussão praticamente generalizada entre elas. A atividade foi interrompida e a Brinquedoteca foi fechada antes de uma hora do início da carga horária de duas horas prevista. Algumas crianças permaneceram do lado de fora, esperando pelo lanche derradeiro, que não foi servido. Uns pagaram pelo comportamento de "perturbação da ordem" de poucos.

Após as crianças irem embora, os(as) brincantes fizeram uma reunião para falarem sobre o que acontecera. Estavam tristes, alguns(algumas) se diziam desmotivados(as) a continuarem participando da Brinquedoteca. Decidiram reiniciar o recesso para reverem erros e acertos e tentarem não incorrer neste tipo de situação.

Algumas considerações sobre o ocorrido neste dia: i. Geralmente quando uma criança apresenta um comportamento que perturba a tranquilidade da sala de aula, a atitude comumente mais praticada é coloca-la para fora de sala ou tentar diminuir sua manifestação. Raramente, questionamos nossa posição naquele comportamento, e dificilmente refletimos se as demais crianças não estariam também com tal inquietação, enfado, estresse, descontentamento, mas se mantendo controladas. Isso mostra duas atitudes micropolíticas que poderemos executar: na primeira, excluímos o singular, tentamos normalizá-lo; na segunda, reconhecemos a singularidade e tentamos construir um agenciamento em conjunto com esta,

[20] "A criança tem uma capacidade extraordinária de se interessar por processos abstratos". O desejo possui inumeráveis possibilidades de arranjo. Essa criatividade semiótica mostra o desejo maquínico da criança (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p. 240).

[21] "[...] se o homem tem um destino, esse será mais o de escapar ao rosto, desfazer o rosto e as rostificações"; "Os manuais de rosto e de paisagem formam uma pedagogia, severa disciplina, e que inspira as artes, assim como, estas a inspiram" (DELEUZE e GUATTARI, 1999, p. 32; p. 35).

um processo de singularização (GUATTARI e ROLNIK, 1996). Com o fechamento da Brinquedoteca houve uma atitude que se aproxima da tentativa de normalização; ii. A criança possui toda uma "riqueza de sensibilidade e de expressão própria" que deveria ser preservada, entretanto, elas sofrem com as representações que lhes são injetadas durante o processo de produção subjetiva. Ao passo que as crianças caem nesse processo, elas se infantilizam. A atividade dirigida poderia ter flexibilidade para abarcar esse processo criativo, essas potencialidades, cujo modo de expressão "muda os modos de subjetivação coletiva". As crianças portam as máquinas abstratas mais elaboradas, as mais criativas. (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p. 54; p. 258).

Com o desfecho do dia, a maioria dos(das) brincantes caiu no buraco profundo da tristeza, uns(umas) diziam que situações como a descrita acima, o(a) fazem desanimar, outros(as) alegavam que isso repercute na sua frequência à Brinquedoteca ser baixa. Um deslize para a margem, um refreio deste afeto paixão impulsivo, mudaria completamente a forma repentina com que os laços do dia foram cortados. Os cortes que sofremos abrem "novos campos do possível", novas atividades, contatos, encontros, afetos, "após remanejar[mos] radicalmente [nossa] constelação de Universos" (GUATTARI, 1992, p. 83). A atitude tomada pelos(as) brincantes a partir da situação relatada foi a de refazer o cadastro das crianças na Brinquedoteca, pois disseram que não estavam conseguindo realizar as atividades planejadas, pois as crianças se encontravam muito agitadas. Acreditam que com as inscrições, será uma forma de os pais conhecerem a Brinquedoteca, além de passarem a incentivar as crianças a irem para as atividades e a se comportarem, e também, para os pais verem que aquele

> *"é um espaço pra ser construído em conjunto. [...] Porque não é uma escola, e sim um grupo de amigos e que deve todo mundo participar".*

De acordo com Guattari, as crianças que ainda não foram integradas ao sistema de subjetivação capitalística, ao sistema escolar, ao sistema de línguas dominantes, por exemplo, possuem uma percepção de mundo diferente, não normalizada. "Elas brincam, articulam relações sociais, sonham, produzem e, mais cedo ou mais tarde, vão ter que aprender a categorizar essas dimensões de semiotização no campo social normalizado" (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p. 19). A criança que encontra-se desadaptada a este sistema, e que possui sua singularidade poderia "desencadear uma mutação nos sistemas coletivos de escuta e de visão".

Aproximando o pensamento de Spinoza (2015) ao acima referenciado, de Guattari, podemos dizer que as crianças que estão serializadas pela produção de subjetividade capitalística, percebem o mundo ao seu redor pelo conhecimento de primeiro gênero, têm sua subjetividade padronizada através das imagens e opinião transmitidas pela televisão e por aqueles de seu meio doméstico que também tiveram seus fluxos interrompidos.

> Para que se efetivem os processos de reapropriação da subjetividade — tais como os de [...]crianças que se recusam a aceitar o sistema de educação e de vida que lhes é proposto — para que esses processos se efetivem, eles devem criar seus próprios modos de referência, suas próprias cartografias, devem inventar sua práxis de modo a fazer brechas no sistema de subjetividade dominante (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p. 49 – 50).

Para tanto, faz-se necessário este entendimento por parte das máquinas que rodeiam o Universo de referência destas crianças. E mais que isso, que objetivem não subjetivá-las, mas contribuir para o desencadeamento de processos de singularização.

Na comemoração do dia das crianças, que aconteceu na Brinquedoteca, perguntamos a duas delas: "Vocês estão gostando das brincadeiras, do lanche?" As respostas vieram na forma de dois sorrisos tímidos... Continuei: "Se vocês pudessem falar em uma palavra o que estão sentindo, qual seria?" Um disse: *"Gastura!"*, retruquei: "Por que? Por causa desse algodão doce?" Ele fez que sim com a cabeça. O outro respondeu: *"Nada"*. As crianças são surpreendentes. Naquele instante percebi que a linguagem para com elas opera em outros níveis.

As crianças que frequentam a Brinquedoteca são moradoras, em sua grande maioria, da comunidade do Gesso. Pertencem a famílias de baixa renda e a maior parte, se não todas, estudam na rede pública municipal. Por frequentarem ambiente escolar, assim como, terem acesso à televisão, rádio e demais máquinas desejantes, cremos que já teriam sido fisgadas pelo sistema dominante de subjetivação. Até mesmo porque, vislumbramos isso em situações que presenciamos, por exemplo, certa vez, haviam quatro meninas brincando, na Brinquedoteca, com bonecas que foram doadas. Ao final da brincadeira, cada uma receberia uma das bonecas. Entretanto, precisavam entrar em acordo sobre a distribuição, pois eram de marcas diferentes. Mas, algumas queriam a mesma boneca, pois segundo elas, era uma *Barbie*, enquanto as demais não eram. Percebi naquela negociação entre as meninas, o desejo produzido em torno do consumo daquele objeto.

Ainda assim, mesmo com tal injeção de subjetividades, as crianças possuem uma potência criativa para reapropriação da subjetividade.

Durante as entrevistas, alguns(algumas) brincantes citaram dificuldades inerentes ao funcionamento da Brinquedoteca. Foram estas: As diferenças de idade entre as crianças, pois isso traz implicações tais como os tempos de espera delas serem diferenciados e almejar planejamento de mais de uma atividade, para corresponder às distintas faixas etárias; O espaço onde funciona a Brinquedoteca ser pequeno; Pensar e possibilitar o entendimento de limites para que as atividades aconteçam de forma satisfatória.

Uma dificuldade que observamos no funcionamento da Brinquedoteca é o tamanho do local, cerca de vinte e cinco metros quadrados. O espaço da calçada é muitas vezes utilizado para desenvolvimento das atividades, por ser mais ventilado e iluminado que o interior do prédio. Há também número insuficiente de brinquedistas, comparado à quantidade de crianças, entre cinco e vinte e cinco, que varia a cada semana. Como a maioria dos(as) brincantes trabalha ou estuda em horário comercial, não há uma frequência regular, a maioria se reveza. Um(uma) deles(as) apontou o seguinte desafio:

> *"[...] considerando o tamanho do espaço que nós dispomos, considerando a faixa etária que são visivelmente gritantes, mas que todos se acolhem conjuntamente [...] o nosso principal desafio é criar uma perspectiva de protagonismo infantil, [...] onde as crianças possam definir quais são as ações que são tomadas, e se organizar 'pra' essas ações; deles apresentarem essas demandas. Então, é preciso reconhecer também dentro desse espaço, um espaço de escuta e reflexão, e que esse espaço de escuta e reflexão das crianças seja bússola, 'pra' gente entender também nossa prática pedagógica; [...] qual é a relação que nós estabelecemos com as crianças. 'Que' se a gente não souber que relação é essa, que processo educativo é esse que nós queremos nortear, talvez a gente se perca no caminho".*

As crianças são consideradas membros do Coletivo, não apenas participantes da Brinquedoteca. As reuniões que participam são aquelas vinculadas a assuntos referentes à Brinquedoteca ou a alguma ação na qual elas sejam o tema central. Um exemplo que pode ser ilustrado sobre o protagonismo citado é a reunião de decisão do cronograma do dia das crianças, para a qual, foram convidados todos os membros do grupo, sociedade civil em geral e as crianças que compõem a Brinquedoteca. As crianças ficavam brincando na parte externa do

prédio, mas de vez em quando, passavam pela sala onde estávamos para ouvirem e darem suas opiniões. Todas as ideias delas foram acatadas, que iam desde a escolha do lanche até os tipos de equipamentos de diversão que seriam alugados para a festa.

Além da participação na tomada de algumas decisões, as crianças participam da divulgação de eventos do grupo, por exemplo: existe uma bicicleta com aparelho de som acoplado, que, à medida que as crianças brincam pelo bairro no equipamento, o som propaga as atividades que acontecerão.

Durante pouco mais de três meses em que acompanhamos a rotina da Brinquedoteca, contatamos que geralmente não acontecem atividades dirigidas, as crianças atuam escolhendo o que será executado, mas sempre sob a supervisão de um adulto, que brinca com elas, media os conflitos, etc.

Na Brinquedoteca existe a preocupação de se constituir uma relação horizontal, de amizade, ou seja, não hierárquica com as crianças. As crianças são chamadas pelos nomes e aqueles que atuam como brincantes, ou seja, os adultos que pensam, coordenam, mediam ou acompanham as atividades, não permitem que as crianças os chamem pelo vocativo "tio" ou "tia".

> *"[...] essa insistência em fazer com que a criança entenda e que os seus responsáveis entendam que ela não é uma criança atendida, que ela não é uma criança que tem ali pessoas 'pra' cuidar dela, mas que ela tem ali aliados, que ela tem companheiros, que ela tem camaradas que constroem com ela [...]. Essa é a grande perspectiva: que a gente 'tá' ali pra construir com elas, né?! Mas antes que tudo, elas precisam se reconhecer nessa possibilidade de construção, porque senão, se ela não se reconhece nessa capacidade de construção, ela vai continuar sendo a aluna, a criança atendida, e quem está com ela vai ser o bonzinho, o voluntário, o bom samaritano, o franciscano, o caridoso. Então, a gente não 'tá' nessa perspectiva, a gente não 'tá' pra fazer caridade, a gente 'tá' pra construir uma nova perpectiva".*

Segundo um(uma) dos(as) brinquedistas, essa exortação do termo tio/tia é para que não haja associação deles com a figura do professor, pois este tipo de relação corta o laço afetivo (no sentido de sentimental):

> *"É uma coisa tão hierarquizada ser professor, e, mesmo que a gente seja, tem essa questão de criar laços, porque geralmente, o professor [vai ser temido]".*

Quanto aos chamados por tio/tia que as crianças evocam no dia-a-dia na Brinquedoteca, provavelmente aprendidos nas séries escolares primárias, é algo enraizado nas crianças, pela representação que fazem dos(as) brincantes como professores, por serem alguém que está à frente, mediando alguma atividade ou lhes ensinando algo novo. Geralmente os(as) brincantes repreendem a estes vocativos, sejam direcionados a eles(elas) mesmos(as) ou a outra pessoa (que não o fez). Nós não fazíamos tais admoestações, faziam-nas por nós. Em muitas ocasiões, alguns(algumas) brincantes insistiam em dizer: *"o nome dela não é tia",* repetindo seguidas vezes, até mesmo de forma exaustiva, como se aquela repreensão fosse também direcionada à nossa posição por não fazê-la.

Muitas vezes é repassado para as crianças a questão de a Brinquedoteca não ser um espaço escolar:

> *"aqui não é escola, aqui é um espaço que é construído por todo mundo, então, todo mundo que chegou aqui, todo mundo construiu, todo mundo brincou, todo mundo organiza".*

As crianças absorveram esse conceito, ouvimos argumentarem *"aqui não é escola",* ou *"aqui 'tá' parecendo escola",* quando em algumas ocasiões não queriam seguir algum comando dado que visasse o estabelecimento da harmonia entre eles. Percebemos que a preocupação de ser repassada a ideia às crianças de que a Brinquedoteca não se constitui em um espaço escolar, diz respeito a preceitos, tais como os citados anteriormente, de não estabelecimento de relações hierárquicas ou de cuidadores, assim como, de ser um local não baseado na punição e controle, e sim no desenvolvimento da criatividade e expressão. Entretanto, ressaltamos que, a simples repetição desse lema para as crianças[22], sem uma argumentação mais profunda e de acordo com cada faixa etária, pode atrapalhar o andamento das atividades, pelos conflitos gerados pelas e entre as crianças. É como se, na ausência do

[22] Perguntamos sobre quando e como essas ideias foram transmitidas para as crianças e foi-nos informado que essa visão era costumeiramente repassada para as crianças, principalmente na abertura de atividades com as mesmas. Desta forma, tal ideia foi incutida nelas.

modelo panóptico escolar algumas delas não soubessem lidar com a falta de limites e se exacerbassem nos xingamentos, por exemplo.

Há também, por parte dos(das) brincantes, a preocupação com o desenvolvimento cognitivo, com a interação e socialização das crianças. As atividades são realizadas em grupo, geralmente são brincadeiras populares, jogos educativos, pintura e desenhos, contação de histórias, além de oficinas direcionadas para suas respectivas faixas etárias.

> *"às vezes [a Brinquedoteca] é um ambiente em que elas vão desabafar, vão brincar, porque muitas crianças não têm essa oportunidade de brincar, de sorrir, de abraçar, essa questão mesmo dessa afetividade, de amorosidade [...] Não estamos lá para cuidar das crianças, mas para elas se sentirem importantes".*

Vale ressaltar que, sobre a questão do cuidado, os(as) brinquedistas acompanham as atividades e mediam conflitos que surgem, brincam e conversam com as crianças, dão atenção e carinho. Quando dizem não estarem lá para cuidar, dá-se devido não quererem que o ambiente seja associado a imagem de creche ou como um lugar de assistência social.

A Brinquedoteca possui uma coordenação que planeja e executa as atividades. Os(as) demais brincantes são convidados(as) algumas vezes para estas reuniões de planejamento de calendário e de ações. Alguns dos membros entrevistados disseram não gostar da centralidade que a coordenação traz, que gostariam que acontecessem mais reuniões abertas aos demais participantes, desde que estes estejam interessados e que entendam o propósito do grupo, pois já tiveram experiências com monitores que estavam lá apenas interessados em receber certificado por participação e que não se sentiam parte nem do Coletivo, nem da Brinquedoteca. Outros membros veem como favorável a divisão de atividades para que não haja sobrecarga e para que haja o funcionamento adequado do espaço.

Em conversa com brincantes, perguntamos-lhes sobre a motivação para continuarem participando ou motivos que, por ventura, teriam tido para desistirem de permanecerem indo. Algumas respostas:

> *"É essa necessidade de fazer alguma coisa boa para alguém sem pedir nada em troca, e aí, às vezes eu penso em desistir, ou não 'tô' com tempo, ou não 'tô' com ânimo 'pra' 'tá' sempre nas ações".*

"[...] isso 'pra' mim é motivo de permanecer, saber que as sementes estão sendo plantadas dia após dia".

"São pequenas coisas que você vai fazendo diariamente sempre pensando: por que é que eu 'tô' fazendo? Qual o norte? O que é que eu quero com isso? E você vai vendo o resultado acontecendo, e você vai vendo: é... vale a pena!".

"[...] penso que eu posso ser útil e fazer diferença na vida das crianças que participam [da Brinquedoteca]".

Nas falas acima percebemos que o relato de diminuição do ânimo (tristeza), diminui o desejo desse(dessa) brinquedista continuar participando das ações e/ou agindo. Por outro lado, a imagem que constroem de que fazem algo que seja bom ou útil para o outro, a visão de que o trabalho está dando resultados ou apenas a esperança que se cria ao ter uma perspectiva de que algo está sendo feito e que aquilo pode trazer algum efeito futuro, os faz permanecerem engajados nas atividades.

Um(uma) dos(das) brincantes respondeu que o que o(a) fez permanecer foi a Brinquedoteca em si e as crianças, pois não estão lá apenas para colocarem as crianças para brincarem, mas também, passar afeto (no sentido de carinho) para elas. Outro(a) brincante apontou o fato de a Brinquedoteca possibilitar alguma coisa que comumente as crianças não têm acesso, como visitar exposições ou eles mesmos construírem as suas. Outro aspecto levantado foi a vivencia que existe ao interagir com uma comunidade carente e os afetos (no sentido de carinho) que as crianças demonstram ter por ele(ela).

A comunidade aparece no relato de outros(as) brincantes. Um(uma) deles(as) ressaltou que é relevante interagir com esta, para entender a realidade das crianças e atuar de encontro a essa realidade.

"Por mais que a sociedade diz [que a comunidade seja] perigosa, [...] certo que sempre tem perigo e tal... Mas você é bem acolhido pela comunidade, e a afetividade do pessoal de lá, [...] você traz amigos de lá, [...] como [...] os pais das crianças [...]. No dia das crianças mesmo,

você vê a comunidade toda junta ali, um participa, o outro ajuda o outro".

Um(uma) dos(das) brincantes contou que morou em uma rua do mesmo bairro onde a Brinquedoteca está localizada, rua essa próxima à comunidade do Gesso, e que as pessoas de lá se mostravam apáticas em relação a este trecho do bairro:

"[...] e as pessoas naquela rua tratam as crianças com tanta hostilidade, e quando você vem 'pra' cá, você conhece as crianças, você vê que elas são mais um ser humano e que precisam de afetos e carinho e de coisas boas tanto quanto as crianças dali daquela rua. [...] Nem as crianças de lá querem brincar com as crianças daqui, [...] as mães de lá não querem deixar o filho brincar com as crianças do Gesso[23], são poucas as que deixam, e às vezes é o filho que sai e a mãe não vê".

Pela fala acima, percebemos o estigma que acompanha aquela comunidade e seus moradores. De acordo com Maricato (1995), uma das faces mais importantes da exclusão social é a segregação espacial. Quando esta segregação (espacial) se dá numa escala menor (por exemplo, favelas próximas a bairros onde há condomínios de alta renda) existe uma tensão que cria barreiras físicas e/ou sociais que garantam o distanciamento social entre os dois grupos (ANDRADE e SILVEIRA, 2013). É o que ocorre neste caso.

"Não é preciso superar um patamar mais alto de conforto material para pensar e agir eticamente". Segundo Sawaia (2007), o pensamento de Spinoza sobre necessidade vai além da questão contingencial e biológica, ou seja, o homem não pode ser reduzido à necessidade biológica. Sawaia (2007, p. 114; p. 109; p. 99) diz que os sofrimentos mais relatados, em suas pesquisas com pessoas em situação de pobreza, são aqueles oriundos do tratamento delas como "inferior, sem valor, apêndice inútil da sociedade e pelo impedimento de desenvolver, mesmo que uma pequena parte, o seu potencial humano". O sofrimento deste indivíduo decorre de "intersubjetividades delineadas socialmente". Ao se aproximar da filosofia de Spinoza, a autora

[23] Esse fato, lembra o modo como a família impedia Hans, um dos pacientes de Freud, cujo caso Guattari analisa. Aqui vemos os mesmos elementos: os pais impedindo as crianças de construirem agenciamentos, quebrando os existentes, impossibilitando-os de afirmarem-se em sua faixa etária, de fazerem funcionar suas diferenças (GUATTARI e ROLNIK, 1996).

discute as emoções provenientes da exclusão como questões éticas e de valor, onde o psicológico, o social e o político estão imbricados e agem uns nos outros. O sofrimento ético-político diz respeito às afecções determinadas pela organização social. São emoções relativas não ao eu individual, mas à coletividade.

Pudemos ter uma visão mais ampla das características da comunidade através de uma expedição fotográfica realizada pelo Coletivo, na qual estivemos presentes. Os moradores foram receptivos à nossa presença. Neste dia, não caminhamos por toda a sua extensão, mas de tanto irmos lá, entrando por ruas diferentes, no período da cartografia, tivemos outras oportunidades de conhece-la quase por completo. Aparentemente, não há muita diferenciação entre as ruas que a compõem, pois verificamos a repetição da paisagem composta de pobreza e de exclusão social, mas, obviamente, as singularidades existem, apenas não puderam ser constatadas numa simples passagem sem interação com as pessoas. Geralmente as fachadas das casas revelam seu interior humilde; há muitos cães e gatos vagando, alguns em uma situação de abandono, fome e doença; há terrenos baldios que passam a servir de reservatório de resíduos sólidos; os moradores possuem o hábito de sentarem-se nas calçadas, em sua maioria são rapazes jovens, que olham desconfiados aqueles que não são do trecho; existem becos, vielas e algumas casas abandonadas e depredadas, com matagal crescendo em seu cerne; esgotos a céu aberto; trata-se de uma zona periférica da cidade, e talvez por este motivo, naquele dia da expedição fotográfica supracitada, ouvimos algumas falas preconceituosas de pessoas que estavam nessa empreitada, que diziam em tom de zoação: *"perdeu"*, fazendo menção ao fato de estarmos a maioria portando câmeras fotográficas. A comunidade de forma geral, foi receptiva à nossa presença, alguns pediam-nos que tirássemos fotos deles e de seus filhos.

Abaixo, trouxemos um dos relatos, do nosso diário de campo, sobre efeitos em nós, de nossas idas à comunidade:

> Com o tempo, acostumei-me a ir à comunidade, entretanto, passei por algumas situações de apreensão. Nas idas e vindas estava quase sempre desacompanhada. Certa vez, tive a impressão de estar sendo seguida. Senti que precisava vencer esse medo que pairava algumas vezes. Utilizar o diário de campo para escrever esses relatos e confrontá-los com as sucessivas idas a campo, ajudavam-me a me reconectar ao real. Era como que um dispositivo esquizoanalítico. Voltar à comunidade me sentindo cada vez mais segura trazia ressonância para outras dimensões de minha vida nesse aspecto.

De acordo com Barros (2003), a comunidade do Gesso situa-se no final de uma estrada de ferro na qual desembarcavam trens com pedras de gesso, daí o nome popularmente designado. Atualmente, os trilhos foram reformados e são utilizados pelo metrô, para transportar pessoas. Essa área possuía muitas casas de prostituição, inclusive com exploração infantil, que entraram em declínio em meados dos anos 1990. Atualmente outro problema social está associado à comunidade: o tráfico de drogas.

Figura 1 – Imagem da linha do trem em trecho situado na comunidade do Gesso, em Crato/CE

Fonte: Autoria própria. Fotografia feita em outubro de 2016.

Eis o relato da primeira vez em que estivemos na comunidade, pois muito embora moremos no mesmo município, apenas com a cartografia estivemos naquele local:

> Desci do ônibus, adentrei à comunidade por uma rua perpendicular à parada do transporte coletivo. De início, três coisas me chamaram atenção: a tranquilidade que o lugar transparecia, a quantidade de árvores e a linha do trem.
> Do lado de cá dos trilhos estão os pés de acácia, do lado de lá tem um esgoto a céu aberto. Em determinado trecho há uma ponte improvisada de madeira. O chão é feito de terra batida e de descaso do poder público. Não há saneamento básico, nem ruas pavimentadas, a travessia pela linha do trem é improvisada. (À noite vê-se o

> quanto a rua é mal iluminada e a quantidade de mosquitos que vagam em seu passeio noturno).
>
> Pés trabalhadores, pés estudantes, pés descalços, transitam, correm, jogam futebol e seguiam passos rotineiros naquele instante. Estes pés decrépitos – depois de um longo dia de atividades, de locomoção em quatro ônibus lotados nos quais estive de pé, em três – dão seus primeiros passos nesta comunidade.

Destarte, analisando a partir de Guattari e Rolnik (1996), observamos que a Brinquedoteca se situa na problemática segregacional social e racial vigente, por ir de encontro a crianças de um nicho de baixa renda e de população preta/parda em sua maioria. O grupo fica muitas vezes à mercê do poder do Estado, para levantar recursos, e de voluntários para realizar ações, uma vez que não há cobrança de valores financeiros para desempenho das atividades.

As crianças que são as personagens fundamentais ficam entre "os personagens alternativos" que compõem o grupo, "que se situam em relação às suas próprias expressões, que quer criar um mínimo de espaço de liberdade e que – exatamente por isso – está correndo o risco de [...] não conseguir articular seu espaço de liberdade com o campo social" e o Estado, que quer a tudo tutelar. O bairro, a comunidade é um quarto personagem (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p. 100).

Uma experiência como a da Brinquedoteca é muito importante, pois é um equipamento coletivo, por colocar "a questão da reapropriação de todas as relações das crianças entre si e das crianças com os adultos; da reapropriação dos problemas culturais" (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p. 101).

Segundo Guattari, a micropolítica de uma "criança envolve as pessoas que estão em posição de modelização em relação a ela" (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p. 54). A Brinquedoteca por fazer parte do universo de referência das crianças, por ser um espaço de aprendizado, pode a partir da abordagem direcionada, promover processos de singularização ou modelizá-las. Optando por assegurar processos de singularização, tem potencial de promover uma quádrupla afirmação: Uma em relação ao grupo e às crianças, que diz respeito a "uma conscientização coletiva de que [...] não estão em setorezinhos privilegiados, e que essa experiência representa um movimento de transformação, de criatividade"; outra afirmação, em relação ao poder do Estado, ao articular-se com demais pessoas que compõem o quadro funcional dos setores públicos da educação; uma terceira afirmação, relacionada a demais grupos de esquerda, "para que eles tomem consciência dessa problemática"; e por fim, uma

afirmação relativa aos grupos sociais "interessados nessas iniciativas, para que o projeto tenha credibilidade, e possa ter consistência".

Uma potência que a Brinquedoteca tem é o de estabelecer diálogo com as crianças e demais membros da comunidade, como os pais e responsáveis. Nossa sugestão é que desenvolvam mais o diálogo entre as próprias crianças.

4.2 Movimentando, brincando, afetando, sendo afetado

Em conversas com brincantes, falávamos-lhes ora de forma individual, ora em grupo, sobre o pensamento de Spinoza acerca dos afetos, e de Deleuze e Guattari sobre produção de subjetividades e sobre a cartografia. Perguntávamos-lhes sobre os afetos produzidos nos encontros que têm na Brinquedoteca. A maioria se referia aos afetos que emergem do contato com as crianças. Ouvimos relatos tanto de alegria quanto de tristeza, bem como de outros afetos derivados/compostos destes[24].

O período de fazer as entrevistas foi turbulento, algumas pessoas marcaram e remarcaram várias vezes, foram momentos de espera e de desencontros, chegamos a pensar que não conseguiríamos fazer todas as entrevistas almejadas. As entrevistas foram pensadas de forma ora semiestruturadas, ora livres, feitas em um estilo de conversa. Realizamos a maioria no mês de novembro de 2016.

Para deixar as pessoas mais à vontade, demos ênfase a fazer as entrevistas de forma individual. Poucas foram feitas em dupla ou grupo e, quando assim ocorria, era por decisão dos próprios entrevistados. Para garantir o sigilo das informações prestadas, não serão revelados os nomes das pessoas, cargo/função que exercem na Brinquedoteca ou no Coletivo. Estas pessoas serão designadas pelo substantivo brincante, brinquedista ou outro substantivo análogo, cada vez que uma fala delas aparecer no texto. Foram entrevistadas dez pessoas no total, sendo estes membros fundadores(as), coordenadores(as), estagiários(as) e voluntários(as) que atuam na Brinquedoteca.

O objetivo de realizar as entrevistas foi para saber mais sobre o surgimento e funcionamento da Brinquedoteca, bem como identificar os afetos que perpassam os brincantes devido a interação, principalmente com as crianças, neste espaço. Após a realização das

[24] As respostas das entrevistas estão dispostas no texto com recuo diferenciado, colocadas entre aspas e em itálico, para melhor visualização e diferenciação da remanescente escrita dissertativa.

mesmas, consideramos que foram um importante instrumento complementar à produção de dados cartográficos, não apenas pelas informações obtidas nestas, mas por terem sido movimentos cartográficos aonde despontaram um corpo a corpo entre cartógrafa e demais participantes, ou seja, pelos quais pudemos captar os afetos dos brincantes em relação a nós e tensionamentos do plano das formas.

Algumas vezes, nas entrevistas, percebíamos que as pessoas não se permitiam falar de seus afetos ou abrirem-se aos encontros, mas isso pouco importaria, caso deixassem passar os afetos. Segundo Rolnik (2014), em uma cartografia faz-se importante a abertura para a vida em cada momento, assim como o desencantamento das máscaras que nos constituem, criação de outras máscaras e de outros sentidos. Falar dos próprios afetos nem sempre é tão simples, há um certo enrijecimento, às vezes por questões sociais, outras vezes, pelos conflitos de ânimo inerentes a cada um. Perguntado(a) sobre quais afetos advinham dos encontros na Brinquedoteca, foi-nos respondido:

> *"[...] eu não sei. Eu sou muito materialista. Assim: é o que 'tá' aqui, é o que eu 'tô' pegando [...] no momento"* – disse enquanto tocava a pele, e continuou – *"Eu sou muito confusa em relação a afetos, a sentimentos, a sensações [...]"*.

Aproximando o pensamento de Deleuze ao de Spinoza, acerca dos afetos, podemos elucidar as conexões e distinções entre os termos afeto, sensação e sentimentos.

Segundo Deleuze (1968), o afeto supõe uma ideia de afecção e dela decorre. Os afetos aos quais ele chama de sentimentos são ideias de afecções, provenientes da imaginação, são aqueles afetos derivados ou compostos dos três afetos primários (desejo, alegria e tristeza):

> De fato, uma ideia que temos indica o estado atual da constituição do nosso corpo; enquanto nosso corpo existe, ele dura e se define pela duração; seu estado atual não pode, portanto, ser separado de um estado anterior com o qual ele se encadeia em uma duração contínua. [...] Nossos sentimentos, por si mesmos, são ideias que envolvem a relação concreta do presente com o passado em uma duração contínua: eles envolvem as variações de um modo existente que dura. As afecções dadas de um modo são, portanto, de dois tipos: estados do corpo ou ideias que indicam esses estados. Variações do corpo ou ideias que envolvem essas variações. As segundas se encadeiam com as primeiras, variam ao mesmo tempo: podemos adivinhar como é que nossos sentimentos, a partir de uma primeira afecção, se encadeiam com nossas ideias, de maneira a preencher, a cada instante, todo nosso poder de ser afetado (DELEUZE, 1968, p. 149).

A sensação, por sua vez, tem uma realidade intensiva que não determina representações orgânicas ou propriedades do objeto, mas vibrações, variações alotrópicas, vai de encontro às forças que agem sobre os corpos. Portanto, a sensação capta forças e não formas. "Entre uma cor, um gosto, um toque, um odor, um ruído, um peso, existiria uma comunicação existencial que construiria o momento "pathico" (não representativo) da sensação" (DELEUZE, 1981, p. 22).

De acordo com Deleuze (1981, p. 22), a sensação passa por vários níveis sob ação das forças. Mais de uma sensação podem se confrontar, comunicando seus respectivos níveis, pulando do domínio da vibração para o da ressonância. Há uma produção de contágio. Esses níveis de sensação esclarecem o vigor do movimento, são "domínios sensíveis remetendo aos diferentes órgãos do sentido".

> A sensação tem uma face voltada para o sujeito (o sistema nervoso, o movimento vital, o "instinto", o "temperamento" [...] e a outra face voltada para o objeto (o "fato", o lugar, o acontecimento). Ela pode também não ter face nenhuma, ser as duas coisas indissoluvelmente, ser o estar-no-mundo como dizem os fenomenologistas: por sua vez eu *me torno* na sensação e alguma coisa *me acontece* pela sensação, um pelo outro, um no outro (DELEUZE, 1981, p. 19).

Portanto, sensação e sentimentos são de lógicas diferentes, ainda que se efetuem no corpo, a primeira pertence ao plano das intensidades, ao devir, é captada pelo corpo vibracional, pertence à ordem da natureza das forças. Enquanto que os afetos sentimentos estão ligados ao corpo orgânico, nos determinam a desejar. Sendo produzidos por ideias inadequadas, são afetos paixões, sendo concebidos a partir de ideias adequadas, ações (DELEUZE, 1981; DELEUZE, 1968).

"Os fluxos de desejo procedem por afetos e por devires, independentemente do fato de que possam ser ou não calcados sobre pessoas, sobre imagens, sobre identificações" (GUATTARI e ROLNIK, 1996, P. 318). Ainda que não haja por parte do homem o reconhecimento do afeto e de suas causas, ele estará sendo afetado a todo momento e apetecendo algo. Spinoza (2015), faz uma definição geral dos afetos visando determinar sua força, para posteriormente determinar a potência da mente sobre eles, ou seja, sua potência para regular ou refrear esses conflitos de ânimo que, algumas vezes, submetem o homem a uma impotência ou servidão, sujeitando-se à força dos afetos. O estado de servidão ao qual o homem se encontra por vezes submetido, é para Spinoza (2015, p. 155) aquele no qual há "impotência humana para regular e refrear os afetos". Neste caso, o homem estaria assujeitado ao acaso,

chegando a fazer o que é pior para si, ainda que tenha em mente o que seria melhor ou que lhe seria útil. E, quando acontece algo ao homem do qual ele é causa apenas parcial, ele padece.

"Todos os afetos estão relacionados ao desejo, à alegria ou à tristeza" (SPINOZA, 2015, p. 139).

> [...] a alegria é tudo o que consiste em preencher uma potência. Sente alegria quando preenche, quando efetua uma de suas potências. Voltemos aos nossos exemplos: eu conquisto, por menor que seja, um pedaço de cor. Entro um pouco na cor. Pode imaginar a alegria que isso representa? Preencher uma potência é isso, efetuar uma potência. Mas o que é equívoco é a palavra "potência". E o que é a tristeza? É quando estou separado de uma potência da qual eu me achava capaz, estando certo ou errado. "Eu poderia ter feito aquilo, mas as circunstâncias... não era permitido, etc." É aí que ocorre a tristeza. Qualquer tristeza resulta de um poder sobre mim (DELEUZE, 2005, p. 41).

Assim, quando o homem age está passando por afetos relacionados a alegria ou ao desejo, quando padece, algum afeto de tristeza está relacionado à mente. Destes três afetos primários, surgem inúmeras composições, originando diversos conflitos de ânimo. Citaremos adiante algumas dessas flutuações de ânimo, à medida que elas foram aparecendo nos nossos relatos cartográficos ou nas conversas com brinquedistas.

Em muitos momentos da realização da cartografia e mesmo da escrita da dissertação, nos questionamos como os afetos estavam nos atravessando. Os ideais hegemônicos de fazer ciência vinham como fantasmas do passado questionar esse processo em curso. Mas, à medida que mergulhávamos no mundo novo da expressão, ia "crescendo mais e mais a coragem de falar por afeto, por experimentação, falar em nome próprio, falar no singular" (ROLNIK, 2014, p. 40).

A cartografia foi um empreendimento que trouxe-nos alegria, por considerarmos um passo importante nas composições que decidimos fazer ao englobar filósofos da diferença na dissertação. Pois, para conseguir realizar este desafio, imaginamos, por várias vezes, a potência de agir da mente e do corpo. Essa alegria se expandia a cada tijolo sedimentado.

A alegria do encontro com as crianças era algo recorrente para nós e para os brinquedistas. Um dos motivos da alegria apresentados por um(a) deles(as) foi o fato de as crianças chegarem em suas casas e compartilharem o aprendizado adquirido na Brinquedoteca. Um(a) dos(as) brincantes ao ser questionado(a) sobre os afetos produzidos nele(a) ao interagir com as crianças, respondeu que é a questão do *"acreditar"* que o(a) impulsiona a agir:

"agir enquanto transformação social [...] [pois ver] *os meninos se desenvolvendo cada vez mais com o nosso contato, isso é motivo de felicidade"*.

Esta fala nos remeteu a uma outra de Deleuze (2008, p. 218):

> Acreditar no mundo é o que mais nos falta, nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapam ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volumes reduzidos.

Esse acreditar demonstra o afeto tocando o ser, e abre caminho para os microagenciamentos seja no território que está sendo habitado, seja nas composições com as obras de Deleuze, Guattari e Spinoza. É algo capaz de expandir nosso ser.

Quanto à tristeza e outros afetos derivados desta, que produzem um baixo potencial para os brincantes continuarem participando da Brinquedoteca, estes afetos eram relatados como passageiros, pois, com novos encontros, emergiam outros afetos, e quando estes eram alegres, o desejo resultante, os faz permanecerem nas atividades.

"[...] tem dia que é 'supercansativo', tem dia que você chega lá triste, assim, sabe? Daquele jeito... Tipo: 'o que é que eu tô fazendo aqui?', e as crianças vão lá e lhe mostram o que é que você 'tá' fazendo lá, é isso que não me deixa desistir".

Guattari (GUATTARI e ROLNIK, 1996) adverte que a imposição de ritmos temporais são uma das tentativas de dizimação dos processos de singularização, que acontecem nos enquadramentos a padrões, nas classificações, nos limites estabelecidos pelo capitalismo. A falta de tempo foi apontada por um(a) dos brincantes como fator que o(a) deprime, pois gostaria de participar mais, entretanto, por causa do trabalho não consegue se dedicar tanto quanto gostaria:

"[...] eu fico triste em relação a não 'tá' tão frequente lá".

"[...] as vezes essa vontade de desistir vem do cansaço físico que exige nos dias de atividades, do cansaço emocional e psicológico também de não ver as pessoas levando a sério nada do que fazemos depois de

tantas horas dedicadas ao planejamento. No entanto é passageiro, pois sei que está enraizado na sociedade questões que pautamos para desconstruir como o machismo, as várias manifestações de preconceitos e intolerâncias reproduzidas por todos que são os motivos que me fazem pensar nessa desistência. No fim, todo esse sentimento se transforma em força para continuar fazendo tudo que for preciso para alcançar os nossos objetivos [...]".

A questão política afeta os brinquedistas e os impulsionam a continuarem na Brinquedoteca, pois, como dito antes, aquele é um espaço utilizado para suscitar tais debates. Aqui mais uma fala que mostra tal aspecto:

"um sentimento de renovação que me traz a força para seguir no que acredito! A cada atividade vem a certeza de que não é fácil seguir esta utopia[25], que é preciso ter disposição para manter meu posicionamento ideológico. Às vezes é cansativo e estressante, mas no final sempre tem a recompensa que é um sorriso a mais inesperado, um abraço, [...] das crianças".

Ainda sobre a preocupação política, eis outro relato:

"[...] E esse desafio de tá pensando metodologias que fujam a esse padrão capitalista segregador, mas que, também, que dê manutenção 'pra' gente tentar desenvolver essas outras metodologias 'pra' não se prender nem ao capitalismo, nem se prender à vítima do capitalismo, que seria no caso a criança inquieta, mas também tentar a nossa forma, [...] o que passa pelo diálogo com a criança para que ela tente se adequar o mínimo possível para que a atividade aconteça".

Durante os dias em que acompanhei as atividades da Brinquedoteca verifiquei um certo tipo de combate a aspectos das funções de produção de subjetividade capitalística pelo

[25] Sobre este ideal, o(a) brincante revelou que seria a utopia de construir junto aos membros do grupo uma sociedade justa, igualitária e fraterna.

grupo que compõe a Brinquedoteca. Combate às ideologias de gênero; à culpabilização e segregação social e a infantilização. Ainda que as ferramentas de combate à segregação social e racial se faça transmitindo outras subjetividades, o grupo o faz criticando o *modus operandi* do capital. Fazem um embate à má consciência que porventura venha recair sobre a vítima desse modo de produção, trazendo à tona questionamentos sobre a luta entre as classes sociais, a produção de arte e a padronização de comportamentos e consumo visando a acumulação capitalista. Viver para se afirmar, produzir arte, lutar para colocar o poder na mão do povo, são algumas das questões que o grupo abrange. Quanto à infantilização, eles não chamam as crianças desta forma, geralmente utilizam o termo camaradinhas; não aceitam serem chamados de tio/tia, visando destituir hierarquias; entendem que as crianças participam do processo de construção, participando das decisões referentes a algumas ações da Brinquedoteca; buscam olhá-los como pessoas e não como infantes; repassam para os pais das crianças que não são cuidadores desses meninos e meninas; informam-lhes em reuniões sobre os objetivos da Brinquedoteca, enquanto ferramenta de educação popular e espaço de discussão das questões supracitadas.

Sawaia (2007) propõe a substituição do conceito "educação popular" pelo "potência de ação", pois este último traz uma crítica à racionalidade imbuída no outro. Essa potência diz respeito à atuação (ação, significado e emoção) coletiva e individual, no desenvolver de valores éticos para superação do sofrimento ético-político.

De acordo com Sawaia (2007, p. 111), a "potência de padecer (paixões tristes e alegrias passivas) gera servidão, situação em que se colocam nas mãos do outro as ideias sobre as afecções do próprio corpo". Por outro lado, as potências de ação "não são contingentes, [...] mas são imanentes a ele, referem-se ao movimento de constituição do homem como potência de libertação na preservação da própria substancia, e que é acompanhada por afeto de alegria". Portanto, conclui que não basta conhecer tais afetos, mas aquilo que os originou, para compreender suas implicações naquelas pessoas.

Sobre os motivos que diminuem a potência de agir, e que fazem os(as) brincantes pensarem em desistir de participar da Brinquedoteca, estariam:

> *"[...] a dificuldade de lidar com as crianças (que não tem limites, muitas vezes não obedecem) e não entendem o que é o espaço da brinquedoteca. E divergência entre os membros que conduzem a brinquedoteca"*.

Outro(a) brincante também citou o fato de ter pensado em desistir de participar da Brinquedoteca devido ao comportamento de pessoas que colaboravam nas atividades não estarem entendendo o propósito do grupo e que as crianças também não estavam entendendo.

"E é uma coisa constante, sabe, essa vontade de desistir, [...]".

No nosso caso, não sentimos esse desejo de desistir de habitar aquele território, mas também experimentamos essa diminuição da potência de agir. É preciso irmos muitas vezes ao território para conseguir produzir dados. É um trabalho cansativo e que requer paciência. Às vezes desanimamos em ver que apenas o plano das formas se mostra. Por isso, era preciso persistir e não recuar, arranjar outras estratégias. No fim, percebemos que tudo, até estes momentos de adormecimento do plano sensível tiveram sua contribuição no arcabouço geral da obra.

"Consequências dessa tentativa malograda: curto-circuito no movimento de exteriorização dos afetos; ligeira contração do corpo em sua capacidade de afetar e ser afetado; diminuição de alguns graus de graça, tomando conta de tudo. Há um desconforto no ambiente. Você fica intrigado" (ROLNIK, 2014, p. 41).

Percebemos, ao cartografar, que as pessoas estão acostumadas com pesquisas nas quais o pesquisador se faz menos presente no ambiente. No máximo vai poucas vezes para realizar entrevistas. Fazíamo-nos presentes rotineiramente, participando de ações da Brinquedoteca, e, algumas vezes em outras desenvolvidas pelo grupo. Durante aqueles dias intuímos que esse contato constante às vezes causava incômodo em alguns membros e isso possivelmente seria a causa da diminuição de empatia à nossa presença enquanto pesquisadora. A falta de receptividade em algumas visitas nos deixava tristes e quando nos abrimos à força dos afetos isso é devastador.

"O que interessa é o que passa entre os grupos, nos grupos, no que está para além e aquém da forma dos grupos, entre as formas ou no atravessamento delas" (PASSOS e BARROS, 2015, p. 28).

Nossa vivência com as crianças produzia uma suavidade que nos fazia permanecer habitando tal território, eis nosso relato:

> As crianças brincavam, sorriam, corriam de um lado para o outro. Algumas vinham me perguntar se estou grávida, pegavam na barriga e faziam perguntas a respeito. Geralmente o encontro dura pouco, pois saem logo correndo em virtude de algo que se tornou o novo foco. São inúmeros toques de amor que recebo por parte das crianças: umas abraçam, outras beijam, outras fazem carinho na barriga, outras fazem massagem nas costas, umas nos convidam para brincar com elas, nos mostram algo que as chamou atenção, de modo geral nos fitam no fundo da alma. São bons encontros, afetos alegres que expandem a potência de continuar indo vê-las, de estar com elas.

Tendo em vista isso, perguntamos aos entrevistados, quais os afetos oriundos dos encontros com as crianças, o que estes encontros produzem e, também o que a Brinquedoteca produz nesses brincantes. Destacamos que os afetos oriundos dos encontros com as crianças foi mais citado nas entrevistas sobre o que a Brinquedoteca produz, do que quaisquer outros motivos, ou seja, pelo analisado, os afetos mais intensos seriam os derivados dos encontros com as crianças. A seguir, relatos que mostram esta assertiva:

> *"[...] é o primeiro dia que você vai lá, eles já lhe abraçam, [...] te cheiram, não perguntam de onde você é, como é, não ligam se é branco, preto. O bom da criança é isso, que eles não diferenciam você dos outros. Eles ficam com aquele amor por você. E muitas vezes a gente percebe que a criança que chega 'pra' abraçar, ela 'tá' carente [..] do amor de pai e mãe. [...] Eles veem em você uma forma de amar, tanto eles querem o nosso amor, nosso afeto, o nosso carinho, a nossa dedicação, como eles também fazem a mesma coisa por a gente".*

> "*[...] fui cativada pelas crianças, porque o jeito como elas chegaram, como elas vieram falar comigo, o acolhimento delas, o amor delas, faz com que você fique e não queira sair, sabe?! Porque eles lhe abraçam de um jeito que lhe deixa bem, consigo mesmo e com os outros".*

Um(a) outro(a) brincante ressaltou afetos positivos nesse encontro com as crianças, pela alegria que essa interação proporciona em ambos:

"*[...] você chega lá com uma perspectiva diferente, [...] você fazer com que meninos, que são educados para jogar futebol, 'tá' pulando corda, 'tá' brincando com as meninas, 'tá' se relacionando na Brinquedoteca de uma forma totalmente diferente de como ele se relaciona na comunidade [...]".*

Ao perguntarmos a outros(as) brinquedistas sobre o que a interação com as crianças produz, ouvimos:

"[...]Encontros de amor e de raiva".

"*Os encontros produzem em mim uma sensação de ser útil, de fazer o bem a alguém. E faz bem a mim quando estou no convívio com as crianças, as conversas, os afetos trocados me fazem refletir sobre a vida. Eu cheguei na comunidade cheia de medo, e de 'preconceitos' sobre o lugar e as pessoas, e as crianças transformaram".*

"Empatia, muita empatia, porque antes eu nem gostava de crianças, e era uma coisa que eu me sentia uma pessoa bem ruim por isso. E o contato com elas me fez mudar de ponto de vista. [...] você pensar um pouquinho como uma criança, entender como ela se sente, como ela vê o mundo, é muito bom, e aí eu acho que é empatia".

Os três relatos acima mostram algumas flutuações de ânimo pelas quais os(as) brincantes passam nesta interação. Do amor à raiva, ou seja, afetos que vão dos derivados da alegria à tristeza. A inconstância dos acontecimentos, o plano móvel da experiência transcorre alçando diferentes vontades nesses brincantes de permanecerem naquela mistura. Muito embora haja relatos de cansaço e estresse, que diminuem a potência de agir e de pensar atividades para com aquele grupo, é recorrente a citação de uma transmutação desses afetos, pela intensidade de outros, alegres. O ânimo se eleva com o que vem de recompensa segundo a ótica de cada um, seja uma reflexão sobre conceitos formulados *a priori*, seja a reversão de um padrão comportamental que julgava ser ruim, por a partir do encontro com as crianças abrir-se a um

novo olhar, ou ainda, o fato de sentir-se útil, que preenche-o(a) de forma positiva e reaviva seu ânimo.

Consoante um(a) dos brincantes, ao discorrer sobre os afetos desabrochados na interação com as crianças, foi frisado a atividade dirigida ser cansativa, uma vez que:

> *"exige uma concentração maior, uma paciência maior, uma respiração maior, uma contagem até dez mais profunda".*

Apontou que quando as atividades não são dirigidas:

> *"você cria uma outra relação que é uma relação mais afetiva, uma relação mais espontânea, uma relação mais de carinho, de afeto, que você consegue perceber, enxergar a criança de uma outra forma, [...] ela começa a ser uma criança mais humana, que tem sentidos, que tem dores, que tem angústias, que tem decepções, mas que tem carinho, tem capacidade de ajudar também. [...] a relação não dirigida é uma relação afetivamente mais prazerosa, a relação dirigida é uma relação afetivamente mais desgastante, [...] mas, necessária".*

Portanto, conclui que cada uma dessas ações gera relações de afeto diferente tanto para o brincante quanto para a criança.

Muitos dos brincantes utilizavam a palavra afeto durante as respostas, por exemplo, um dos brincantes disse, durante entrevista, perceber as crianças da comunidade serem carentes de afeto, que a forma de abraçar delas seria mais intensa do que a de seus alunos (que têm praticamente a mesma idade), mas que possuem uma condição financeira um pouco melhor. Desta forma, perguntávamos-lhes sobre o que queriam dizer quando utilizavam o termo afeto. A maioria dizia se referir no sentido de afetividade, amor, carinho[26], ao conceito usual da palavra. Para não haver confusão entre o significado usual da palavra e o que lhes era questionado, fazíamos uma breve explanação da teoria de Spinoza, sobre a natureza e a força

[26] De acordo com o Minidicionário Aurélio (201?), afeto é um substantivo masculino que significa afeição, amizade, amor. Este sentido é geralmente o utilizado quando as pessoas referem-se ao termo afeto em seus cotidianos. Constatamos isso inclusive quando falamos do tema da dissertação para conhecidos e não apenas durante as entrevistas com os brincantes para a produção de dados.

dos afetos, para esclarecer o que estávamos investigando. Um(a) brincante disse que quando se referiu ao afeto oriundo dos encontros estava se referindo à construção junto às crianças:

> *"[...] o afeto que a gente sente lá é isso: é quando a gente trata um igual ao outro, mesmo sendo crianças e a gente sendo adulto, o afeto é quando a gente chega triste e sai alegre, o afeto é quando a gente 'tá' lá e faz coisas maravilhosas acontecerem junto com eles".*

"O conceito de afeto [...] indica a possibilidade de apreender globalmente uma situação relacional complexa" (GUATTARI, 1992, p. 77). "[...] 'afetar' designa o efeito da ação de um corpo sobre o outro, em seu encontro. Os afetos, portanto, não só surgiam entre os corpos – vibráteis, é claro – como, exatamente por isso, eram fluxos que arrastavam cada um desses corpos para outros lugares, inéditos" (ROLNIK, 2014, p. 57).

Esse movimento oriundo dos fluxos vibracionais foram descritos por um(a) brincante, que narrou as flutuações dos afetos pelo qual passa em situações na Brinquedoteca. Deu o exemplo do que ocorre ao conduzir atividades dirigidas ou ao verificar que algum pensamento repassado está influenciando no modo de agir da criança:

> *"Assim, quando eu 'tô' lá, e quando a atividade dá certo, [...] porque assim, às vezes também não dá certo, mas deu certo de outro jeito, [...] isso me proporciona muita felicidade e vontade de ir. Do mesmo jeito, que quando a gente organiza uma atividade e as crianças se dispersam, [...] eu fico muito frustrada, porque [...] a gente se reuniu um tempo... aí eu não quero mais participar, só que, assim, é uma questão muito de momento, porque eu quero participar. [...] Só que quando o que a gente propõe deu certo, nem que seja de uma forma errada, a sensação de ficar aumenta e muito. Nossa, deu certo! Nossa, as crianças estão dando importância mais ao cabelo natural!"*

Sobre o dar certo de uma maneira não prevista inicialmente, mostra o movimento que a vida impõe, o que o contato com a diferença pode trazer e, ainda, a importância de estarmos abertos àquilo que vai se desenhando no convívio, pois, mesmo tendo dispendido horas com um planejamento delineado com a perspectiva da falsa fixidez do plano das formas,

dada a lentificação das forças, compartilhar um território com crianças mostra essa efemeridade. As crianças são ágeis nos movimentos e falas. Outras colocações que remetem a esse movimento:

> *"ao mesmo tempo que, porque assim, é um tipo de educação, ao mesmo tempo que a gente tenta desconstruir ela, a gente tá construindo, a gente se desconstrói e se constrói de novo e tipo, e [...] criança é muito verdadeira".*

> *"[...] quando eu vejo que deu certo, que, ou então que não deu certo de um jeito certo, é massa! E, ai, essa atividade deu certo, e, semana que vem vai dar certo, às vezes não dá, semana que vem não dá certo de jeito nenhum. [Dá aquela esperança] [...] pronto, agora vai, as crianças agora vão se desconstruir e, só que, parece que cada semana a gente tem que desconstruir o que a gente desconstruiu semana passada, [...] é muito complicado porque as relações que eles tem em casa são muito diferentes, as relações que eles tem na escola são muito diferentes e, às vezes, eu me sinto perdida. Mas, eu acho que é uma construção muito grande pra mim porque como eu lido no meu trabalho com crianças da mesma classe social, mas que já têm alguns privilégios a mais, e no Gesso não, são crianças totalmente diferentes, do que eu já tinha trabalhado e isso é o que me causa mais vontade de ficar [...]".*

A fala acima mostra o conflito de ânimo inerente ao seu dia-a-dia como professor(a) e como brincante, pois na Brinquedoteca é como se fosse a construção e realização de um ideal, ao mesmo tempo em que na escola onde trabalha, não pode executar os mesmos preceitos, por exemplo, citou na continuação da fala que a coordenadora da escola onde trabalha não permite que fale para as crianças não utilizarem o vocativo tio/tia, pois isso destituiria o temor da figura do professor.

Em muitos momentos em que acompanhamos as tardes de atividades com as crianças percebemos um comportamento neles, de quererem chamar atenção para si. Isso foi levantado em algumas entrevistas, eis um relato:

"Fica esse desafio para a gente, de tentar entender e não excluir, mas também não alimentar, porque muitas vezes essa inquietação muito expressiva de alguns é o que falta em casa e ele vai [...] 'pra' uma organização [...] e quer ser o centro de atenção".

As crianças reivindicam atenção a maior parte do tempo. Atropelam nossas conversas, pois tratam seus assuntos como se fossem urgentes, talvez sejam mesmo. Elas demonstram muitas vezes essa carência. Mas não são apenas as crianças que querem chamar atenção. Alguns adultos, por exemplo, fazem questão de serem ouvidos, de contarem sobre sua participação dentro do grupo.

Que afeto estaria nesse entremeio da vontade de ter atenção voltada para si? Seria a glória, uma "alegria acompanhada da ideia de alguma ação nossa que imaginamos ser elogiada pelos outros"? Ou seria a satisfação consigo mesmo, que é uma "alegria que surge porque o homem considera a si próprio e sua potência de agir"? (SPINOZA, 2015, p. 148; p. 146). Não cabe-nos interpretar, mas experimentar...

A partir da aproximação com o pensamento de Spinoza, pudemos, cada vez mais, compreender tal assertiva. Spinoza (2015), fala-nos que é através da experimentação que saberemos o que pode o corpo, e não temos ainda esta resposta. Por que? Talvez estejamos experimentando pouco, talvez tenhamos nos baseado mais naquilo que ele chama de conhecimento de primeiro gênero, formulando ideias inadequadas acerca das relações entre os corpos... Experimentar nos põe em movimento: mente e corpo potencializando aquilo que nos acontece e suscitando outros acontecimentos.

Nas visitas feitas à Brinquedoteca, pequenas rachaduras eram feitas por nós, o que demonstrava que o plano estava em construção, apenas aparentava uma cristalização.

> Ela vai traçando processos de segmentação flexível: lascas que se desprendem das máscaras vigentes, causando nelas pequenas fissuras, microrrachaduras pessoais ou coletivas. Lascas de mundos desmanchados e, ao mesmo tempo, passíveis de se comporem com outras lascas, investidas e agenciadas por partículas soltas de afetos, gerando novas máscaras, mundos novos, mutações secretas (ROLNIK, 2014, p. 51).

Certa vez, perguntaram nossa opinião sobre um fato ocorrido na Brinquedoteca e ao externalizar nossa análise, um(a) brinquedista falou que nunca tinha pensado sob aquela perspectiva. A questão trazida por nós era sobre a forma que as ideias de não hierarquia estavam sendo repassadas para as crianças e que isso estava trazendo um comportamento inoportuno para o andamento de algumas atividades. Falamos que as crianças (não somente elas!) estão

acostumadas a uma sociedade que baseia-se no controle e na punição e que essa percepção de "liberdade" estava sendo experimentada de forma a trazer problemas. Neste dia, percebemos que por mais que o grupo tenha seus delineamentos pedagógicos e políticos bem arquitetados e engessados, o olhar de alguém que está chegando consegue captar coisas que eles não percebem e mostra elementos a serem repensados.

Dentre as intervenções realizadas, concebemos que nem todas podem ser apreendidas, os encontros por si só promovem misturas, afetos que podem não ser revelados por aqueles que encontramos, ou feitos em pequenos gestos. A presença de um pesquisador pode mover as pessoas a realizarem determinadas ações ou as faz deixarem de executar outras. Há uma inquietação, que às vezes se mostra nas entrelinhas dos acontecimentos, com a presença de alguém externo ao ambiente, com o que o olho deste tem captado. Passamos por várias situações que expressam tais efeitos vibracionais.

Algumas nuances nos mostram que nossa presença contribuiu para o andamento das atividades. Como já relatado em outra parte, muitas vezes estávamos presentes apenas nós e um outro brincante na condução de tarefas, por exemplo, distribuição de convites para reuniões, divulgação de eventos, dias de atividades na Brinquedoteca, dia de cadastro das crianças. Isso nos possibilitou entrosamento e maior receptividade por parte de alguns brincantes. Fomos convidados a participar de reuniões da coordenação, bem como inseridos em um grupo privado, de rede social, no qual os membros coordenadores deliberavam sobre assuntos respectivos à Brinquedoteca.

Após dois meses do início da cartografia, realizamos uma oficina de estratégias para leitura e produção de escritas científicas na qual, dentre outros assuntos, abordamos a cartografia.

Quando começamos a divulgar esta oficina, os membros que compõem a pesquisa se mostraram interessados em participarem, pois o tema era útil à maioria deles, conforme elucidavam. Alguns não puderam comparecer devido ao choque de horário com outros compromissos que assumiram. Entretanto, outras pessoas que estiveram presentes abdicaram de outras tarefas para estarem ali. Uma pessoa disse que havia feito hora extra durante uma semana para faltar o trabalho no dia da oficina.

Dentre os inúmeros movimentos engendrados nesta oficina, destacamos o da fala sobre a cartografia. Neste, percebemos o dispêndio de atenção dos participantes quanto ao tema, tendo sido um dos momentos onde mais fizeram perguntas. Era como se alguns daqueles

questionamentos tivessem sido desencadeados a partir da interação conosco em "campo", ou melhor dizendo, nos nossos encontros no plano cartográfico.

Fizemos a exposição de como funciona uma cartografia, enquanto método de construção de pesquisa, quais seus norteamentos filosóficos, e uma breve discussão – sobre temas como afetos, potência de agir e de pensar, acontecimento, encontros de corpos (misturas), devir, agenciamentos, entre outros – que conduzem, mais que uma pesquisa, um modo de pensamento, de vida.

Um(a) dos(as) presentes se mostrou interessado(a) em aprofundar leituras sobre a cartografia. Enviamos-lhe, posteriormente, materiais a respeito do assuntos e conversamos mais a respeito. Eis uma fala, desta pessoa, proferida no dia da oficina:

> *"Eu fiquei muito interessada nesse negócio da cartografia, e eu não sei como funciona, eu não sei como é. [...] é uma coisa muito nova pra mim, eu não sei como funciona*[27]*".*

Ao final da oficina, que durou pouco mais que oito horas, algumas pessoas fizeram relatos emocionados a partir de tudo o que foi discutido durante o dia. Acreditamos que foi um momento rico de afetos ativos, ou seja, daqueles com os quais nossa potência de agir foi aumentada, de troca de conhecimento, de aproximação com os membros da pesquisa.

Outro momento no qual realizamos atividades organizadas por nós, se deu na Brinquedoteca, que foi a realização de uma tarde de atividades com as crianças. Para realização desta, primeiro consultamos a coordenação para autorização do evento, e diligencias sobre data, divulgação e sobre quem poderia ir compor conosco este momento. Algumas pessoas ajudaram na divulgação, pois não pudemos fazê-la.

No dia apareceram dois brincantes e quinze crianças (no ápice), mas em média doze permaneceram durante toda a tarde. Como já imaginávamos que isso poderia acontecer, contamos com a ajuda de outras quatro pessoas para operacionalização das atividades no dia e no planejamento das mesmas.

Após mais de três meses em campo, observamos que as crianças se envolvem em conflitos tolos durante as brincadeiras e demais atividades na Brinquedoteca, portanto tínhamos

[27] Esta pessoa, inclusive, se mostrou solidária, querendo saber mais a respeito da condução de uma cartografia, pois queria durante a entrevista, me passar informações que julgasse útil à pesquisa. Gratidão foi produzida em nós com tal posicionamento.

em mente montar um ambiente de cooperação. Portanto, todas as brincadeiras só poderiam fluir desde que houvesse cooperação entre as crianças que estivessem envolvidas no jogo. Sem a ajuda mútua, a atividade estagnava. Iniciamos a tarde com exibição de um vídeo que trazia como reflexão a união e cooperação entre crianças que disputavam uma corrida. Durante a exibição algumas crianças conversavam e atrapalhavam a concentração das demais. Daí, quando acabou, algumas perguntavam *"o que aconteceu?"* – se referindo ao desfecho da corrida. Então, repassamos o vídeo. Desta vez, ficaram quietas e atentas. Quando acabou, algumas fizeram um resumo do que ocorrera e percebemos que entenderam a mensagem intrínseca.

As crianças foram divididas em dois grupos para participarem das atividades, que se realizavam concomitantemente, mas sem competição entre os grupos. O grupo onde todos contribuíam, e no qual não houve conflito por liderança, terminava sempre as atividades primeiro, e pudemos realizar mais brincadeiras com estes, do que com o outro que demorou mais tempo para realizar a primeira atividade, que consistia em montar um tangram. Apesar de não ter como objetivo a competição, algumas crianças, desse segundo grupo, começaram a entrar em conflito entre si, pois, umas reclamavam da individualidade de outras, que queriam montar o tangram sozinhas, e porque viam que o outro grupo terminara antes deles. Em alguns momentos ouvimos meninos pedirem por jogos onde houvesse competição, mas não acatamos.

Depois de algum tempo, do início das atividades, servimos um lanche. Neste primeiro momento do lanche não houve conflitos. As crianças estavam calmas. Elas receberam e comeram sem disputas, trocavam itens entre si de acordo com as preferências de cada um. Foi um aspecto positivo, pois, nos demais dias de funcionamento da Brinquedoteca, os brincantes se mostravam relutantes em fazer pausas para distribuição de lanches com as crianças devido ocorrências de discussão e empurra-empurra entre as crianças que ficavam atônitas durante a repartição dos alimentos. Nós mesmos pudemos acompanhar esses episódios cujo desfecho não era ameno, na maioria das vezes. Na segunda vez de entrega de lanche, ao final das atividades, vieram participar algumas crianças que não estavam conosco durante a tarde. Elas criaram uma pequena turbulência: entravam na fila mais de uma vez, se empurravam. Constatamos que o ambiente gerado durante a tarde, contribuiu para o sossego das crianças que estiveram conosco, não apenas durante a alimentação, mas também nos demais períodos, comparando a esse comportamento final.

Percebemos que os brincantes presentes neste dia, quando percebiam que as crianças estavam se desentendendo, se portavam a elas com autoridade, falavam em tom mais elevado e faziam ameaças de que a criança teria que ir para casa. Nós optamos por falar em tom suave, voz baixa, sem dar ordens. Ainda que as crianças nos chamassem de tias/tios, não os reprendíamos, (mas havia sempre algum brinquedista que o fizesse). Estabelecemos uma comunicação horizontal, sem reclamações, sem alterações do tom de voz. Cremos que isso seja tão mais eficiente do que apenas requerer não ser chamado de tia/tio e pronunciar palavras de controle.

Foi uma tarde descrita pelos adultos convidados a participaram desta empreitada, e que, estiveram lá pela primeira vez, como agradável, de troca de afetividade, sorrisos e experiências com as crianças. O que despertou em alguns a vontade de voltarem mais vezes à Brinquedoteca.

O tempo estava delicioso, choveu por duas vezes, inclusive algumas crianças tomaram banho na chuva. Pairava uma brisa agradável, sem sol forte ou calor típicos desta região. Foram horas tranquilas, sem problemas e com carinho recíproco.

5 CONCLUINDO...

Consideramos que os processos acompanhados, o território habitado, agenciamentos realizados e encontros feitos, nos mostraram o movimento do plano das formas, composições afetivas, a força desses afetos, a potência da mente e corpo, bem como alguns processos de singularização desencadeados no e pelo percurso.

Ao engendrarmos esta cartografia passamos por várias rupturas na sensibilidade, na percepção, nas maneiras de ser, de estar, de agir, de padecer e de apetecer. O ato de tatear as sensações foi primordial para a construção da pesquisa, assim como nossa abertura à oscilação dos afetos que nos atravessavam.

A maioria dos entrevistados, durante a pesquisa, ao serem questionados sobre os afetos advindos do habitar a Brinquedoteca se referia aos afetos que emergem do contato com as crianças. Ouvimos relatos tanto de aumento de potência quanto de padecimento. Quanto a estes últimos, eram colocados como passageiros, pois, à medida que passavam por novos encontros, emergiam outros afetos, geralmente alegres, cujo desejo resultante os fazia esquecerem da ideia de não frequentarem mais aquele lugar. Vale ressaltar que ainda que as paixões sejam relatadas como efêmeras, têm implicações nesse curto prazo em que se efetuam. A alegria do encontro com as crianças era algo recorrente também para nós. Nossa vivência com as crianças produzia uma suavidade que nos fazia permanecer habitando tal território nos momentos em que outras relações se engessavam.

Destacamos que os afetos oriundos dos encontros com as crianças foi mais citado nas entrevistas sobre o que a Brinquedoteca produz, do que quaisquer outros motivos, ou seja, pelo analisado, os afetos mais intensos seriam os derivados dos encontros com as crianças. Os brinquedistas destacaram, ainda, a alegria na interação com as crianças, por ser uma possibilidade de construírem junto a estas um pensamento político, inclusive revelaram ser esta uma estratégia do grupo para aproximação e diálogo com demais membros da comunidade. Mais uma vez, as crianças são colocadas numa posição de mola propulsora para modificação do *status quo* vigente.

Na Brinquedoteca existe a preocupação de se constituir uma relação não hierárquica com as crianças – com o desenvolvimento cognitivo destas, com manutenção de diálogo e troca de afetividade; e, um espaço para desenvolvimento do lúdico, para interação e socialização das crianças. As atividades são realizadas em grupo, sem apelo competitivo. Geralmente são brincadeiras populares, jogos educativos, pintura e desenhos, contação de histórias, além de

oficinas direcionadas para suas respectivas faixas etárias. Os brinquedistas procuram realizar combate às ideologias de gênero; à culpabilização e segregação social e a infantilização. Ainda que façam isso transmitindo outras subjetividades (como criação de relações de identidade e de empoderamento social, e repasse de visão política de esquerda), o grupo o faz criticando o modo de operar do capitalismo. Fazem um embate à má consciência que porventura venha recair sobre a vítima desse modo de produção, trazendo à tona questionamentos sobre a luta entre as classes sociais, a produção de arte e a padronização de comportamentos e consumo que visem a acumulação capitalista. Viver para se afirmar, produzir arte, lutar para colocar o poder na mão do povo, são algumas outras questões que o grupo abrange. Quanto à infantilização, eles não chamam as crianças por este termo, geralmente utilizam o termo camaradinhas; não aceitam serem chamados de tio/tia, visando destituir hierarquias; entendem que as crianças participam do processo de construção, participando das decisões referentes a algumas ações da Brinquedoteca; buscam olhá-los como pessoas e não como infantes. Há desconstrução da imagem do espaço enquanto assistência social.

Concluímos que a Brinquedoteca por fazer parte do universo de referência das crianças, por ser um espaço de aprendizado, pode a partir da abordagem direcionada, promover processos de afirmação da potência das crianças ou modelizá-las com injeção de outras subjetividades. Trata-se de uma escolha micropolítica.

Experimentamos acréscimos e decréscimos do desejo de encontrar, de agir e de estar com. Tendo em vista a afirmação de vida, tentamos focar nossa energia e atenção nos afetos alegres ativos, vindos muitas vezes em forma de abraços e sorrisos que recebemos, nas sensações dos encontros efetuados enquanto estivemos cartografando.

Nos momentos em que houve engessamento das relações, passamos por situações que desencadearam afetos tristes que nos desafiavam a procurar por novos universos de referência, a acontecializarmos aquilo que ia nos acontecendo, a recompormos os agenciamentos, haja vista que, como não nos guiamos pela falta, pois concebemos que não nos falta nada, nos conduzimos pelo que podemos, ainda que não o saibamos em sua completude, nos norteamos pela emergência dos afetos. Durante a cartografia, aos poucos as arestas do plano de consistência ora ou outra se dilatavam, possibilitando-nos intervir e atravessar categorias.

Na presente pesquisa, observamos que os afetos e afecções delinearam o grupo e território a ser acompanhado, bem como ações e paixões desencadeadas. Com o habitar, interagir, ir e vir, encontrar, compor, os afetos iam transmutando-se: entristeceram-nos, alegraram-nos apaixonada e ativamente. A cada encontro sofríamos afecções, afetávamos e

éramos afetados. Experimentamos, deixamos de interpretar antecipadamente, misturamo-nos, provocamos outros encontros, visando saborear mais realidade e nos livrar das opiniões advindas das imagens atreladas aos afetos. Pudemos utilizar a potência da experiência para ampliar nossas misturas. Nem sempre tivemos acuidade e algumas afecções nos fizeram padecer, entretanto, agarramos estes momentos para reformularmos ideias construídas.

Percebemos que cabe-nos estar atentos às composições afetivas que propiciamos. Aperfeiçoar o intelecto para conter afetos tristes não se faz com manuais que estejam à disposição. É preciso que entremos em movimento, para sermos afetados de diferentes maneiras, que nos agenciemos a mais e mais corpos. Assim como, há necessidade de engendrarmos distintas maneiras de ser, fugindo à cristalização, estabelecermos novos universos de referência.

Tais conclusões foram construídas com base nas misturas experimentadas naquele momento vivenciado. Dado os movimentos do ser, modificações do contexto social, político, afetos desencadeados, dentre outros, as sensações e sentimentos aflorados modificam-se, portanto, os resultados certamente seriam outros com novos encontros. Aquilo que imaginamos ser bom ou mau para nós, refere-se a determinadas composições, em determinado espaço-tempo, a partir dos nossos modos de nos relacionarmos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L. T.; SILVEIRA, L. S. Efeito-território explorações em torno de um conceito sociológico. In: *Civitas.* v. 13, n. 2, maio/ago, p. 381-402, Porto Alegre, 2013.

ANTUNES, A.; BROWN, C.; MORAES, D.; MONTE, M. *Velha infância.* Intérprete: Tribalistas. Metro Blue, 2002. Faixa 3. Compact Disc (CD).

BARROS, C. J. Nova vida, velhos problemas. *Repórter Brasil*. São Paulo, 2003. Disponível em: <http://reporterbrasil.org.br/2003/07/novavidavelhosproblemas/> Acesso em fevereiro de 2017.

BARROS, L. P. de; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia*: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. P. 52 – 75.

CARROL, L. *Alice no país dos espelhos.* Tradução Pepita de Leão; ilustrações John Tenniel. 3ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.

DELEUZE, G. *Conversações*. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2008.

DELEUZE, G. *Espinosa e o problema da expressão*. S/d, 1968.

DELEUZE, G. *Espinosa*: filosofia prática. Tradução: Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. Revisão técnica: Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, G. *Francis Bacon*: Lógica da sensação. Tradução: Silvio Ferraz e Annita Costa Malufe. Paris: aux éditions de la différence. 1981.

DELEUZE, G. *Lógica do sentido.* 4ª ed. São Paulo: Perspectiva S.A., 2007.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs:* Capitalismo e esquizofrenia – vol. 01. Trad. Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs:* Capitalismo e esquizofrenia – vol. 03. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.

DELEUZE, G.; PARNET, C.; BOUTANG, P. A. *Abecedario di Gilles Deleuze.* DeriveApprodi, 2005.

ESCÓSSIA, L. da; TEDESCO, S. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia*: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. P. 92 – 108.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso* – aula inaugural no collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

GUATTARI, F. *Caosmose:* um novo paradigma estético. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, F; ROLNIK, S. *Micropolítica:* Cartografias do desejo. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

LUCAS, A. *Cuidar do Camaradas exige entendimento.* 2016. Disponível em: <http://camaradas.org/2016/04/cuidardocamaradasexigeentendimento.html >. Acesso em fevereiro de 2017.

MARICATO, E. *Metrópole na periferia do capitalismo:* ilegalidade, desigualdade e violência. São Paulo: Editora Hucitec, 1995.

MINIDICIONÁRIO AURÉLIO (Dicionário eletrônico). 8ª ed. Positivo. 201?.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia*: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. P. 17 – 31

ROLNIK, S. *Cartografia sentimental:* transformações contemporâneas do desejo. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, Ed. da UFRGS, 2014.

SAWAIA, B. B. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: SAWAIA, B. B. (Org.) *As artimanhas da exclusão:* Análise psicossocial e ética da desigualdade social. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007. P. 97-119.

SOUZA, E. G. de; PRADO, M.; *Estamira*: Fragmentos de um mundo em abismo. Baseado no documentário homônimo de Marcos Prado. Coordenação editoral Ricardo Muniz Fernandes. Tradução Zazen Produções. Edição bilíngue: português/inglês. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

SPINOZA, B. de. *Ética.* Trad. de Tomaz Tadeu. 2ª ed. 4ª reimpressão. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2015.

ULPIANO, C. *Acontecimento e campo de poder*. Aula [transcrita] dada em 05 de abril de 1989. Centro de Estudos Claudio Ulpiano. Editoria de Texto: Marici Passini Editoria de Arte: Renata Aguiar Editoria WordPress: Nati Murlakov. 1989a. Disponível em: <http://claudioulpiano.org.br.s87743.gridserver.com/?p=76>. Acesso em agosto de 2015.

ULPIANO, C. *Acontecimento e sentido*. Aula [transcrita] dada em 12 de abril de 1989. Centro de Estudos Claudio Ulpiano. Editoria de Texto: Marici Passini Editoria de Arte: Renata Aguiar Editoria WordPress: Nati Murlakov. 1989b. Disponível em: <http://claudioulpiano.org.br.s87743.gridserver.com/?p=78>. Acesso em agosto de 2015.

ULPIANO, C. *O corpo e o acontecimento*. Aula [transcrita] dada em 28 de março de 1989. Centro de Estudos Claudio Ulpiano. Editoria de Texto: Marici Passini Editoria de Arte: Renata Aguiar Editoria WordPress: Nati Murlakov. 1989c. Disponível em: <http://claudioulpiano.org.br.s87743.gridserver.com/?p=27>. Acesso em agosto de 2015.

VASCONCELOS, M. de F. F. de, *A infâmia de Quincas*: (re)existências de corpos em tempos de biopolítica. (Tese). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. 239p.

ZAMBENEDETTI, G.; SILVA, R. A. N. da. Cartografia e genealogia: aproximações possíveis para a pesquisa em psicologia social. In: *Psicologia & Sociedade.* 23(3): 454 – 463, 2011.